

OUTUBRO
2020

FRUTA BRUTA



40 ANOS

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL

DANIELLA CHAVES
DANILO CHAVES
WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

ARTE DA CAPA

DANIELLA CHAVES

DIAGRAMAÇÃO

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

REVISÃO

DANILO CHAVES

GOIÂNIA - GOIÁS / afrutabruta@gmail.com

WWW.FRUTABRUTA.COM

MANIFESTO

FRUTA BRUTA

CANTA, Ó MUSA, QUEM NÃO CONTAVA COM MINHA ASTÚCIA E
CHUPA QUE É DE UVA!

[OLHA O CARRO DA PAMONHA!]

EU SOU O SEMEADOR A SEMEAR VESTIDO DE NOIVA COM AS ARMAS
DE CARMEM MIRANDA: YES, NÓS TEMOS BANANAS EM CHAMAS,
FAZENDO SUAS MANHAS, QUEIMANDO MELODRAMAS!

[PAMONHA DE SAL!]

EU SOU A NETA DA CHIQUITA BACANA E A QUADRILHA TODA GRITA
"VIVA A NETA DA CHIQUITA! IÊIÊIÊ". NÃO SEI QUEM DISSE QUE
BANANA É BOM PRA NÃO SEI O QUÊ.

[PAMONHA DE DOCE!]

EU SOU AS METADES DA LARANJA NA GUERRA DE COMIDA ENTRE
FERNANDA MONTENEGRO E PAULO AUTRAN. DOIS AMANTES, DOIS
IRMÃOS.

[PAMONHA APIMENTADA!]

MAMÃE EU QUERO MAMAR! CASEI COM O DONO DA PARMALAT,
SOMOS MAMÍFEROS CHEIOS DO LEITE DA BONDADE HUMANA.
CHUVA DO LEITE BOM PARA OS CARETAS.

[TODAS ELAS COM QUEIJO!]

ABACATEIRO, ACATAREMOS TEU ATO, PRÓLOGO E EPÍLOGO:
LIVRAI-NOS DO SABOR DE BURRICE! COME ABACATE, BEM, NESSE
FRUTO ESTÁ ESCONDIDO O PARAÍSO!

[AQUI, NO CARRO DE SOM!]

SEJA BRÓCOLIS!

[O PURO CREME DO MILHO!]

FRUTAS PREVINEM ESCORBUTO!

04 Apresentação

06 A mulher de 40 anos

09 "A cor púrpura", página 40

10 Sobre "A cor púrpura"

13 Anos de Glória

15 Loteria Nelson

19 40 filmes brasileiros de 40 anos ou mais

21 A paixão Nacional do horário nobre dos anos 80

23 The Lobster, min. 40

26 O Rock nacional dos anos 1980

29 Músicas que completam 40 anos em 2020

30 XL - Fruta Bruta

31 40 perguntas para Jana Bianchi

FRUTA BRUTA 40

36 Seneca Lucilio suo salutem

38 O RGP de Fulano José da

Indigência

44 Quarenta minutos de terapia

47 A encomenda

50 Aceita um bolo?

52 Pão de 40 dobras

56 Sobre meus 40 dias no deserto

58 Ovelha

60 A crítica como ela era

66 Entrevista: Amara Moira

70 Ontem era hoje

71 40 dias, anos e anos

72 Despedida

73 Prazo de validade

76 Lista de imagens

APRESENTAÇÃO

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

A revista Fruta Bruta nasceu, há quarenta anos, com o desejo de reunir pessoas por meio de palavras. Um grande sarau por escrito. Um grande sarau em silêncio. Escrever é solitário, mas quem escreve, escreve para o mundo – a escrita é um dos monumentos mais duradouros inventados pelas mãos humanas, seu destino é fazer permanecer a palavra que antes era filha do instante e desaparecia no ar pouco depois da voz. Quem escreve, também escreve para o outro, nem que seja o outro de si mesmo, nem que seja para o outro que não existe ainda e só existirá depois que houver um texto. Toda publicação é, portanto, uma cápsula para o futuro, um relicário, uma pequena lasca do tempo. Mas também é uma forma de honrar o passado, de honrar aqueles que primeiro rabiscaram o chão e as pedras para compartilhar imagens que haviam dentro de seus pensamentos. A palavra escrita é esse cruzamento entre presente, passado e futuro que a suspende em um tempo próprio, que só existe quando a lemos.

Você que lerá agora esta revista saiba que ela é uma declaração de amor. Às artes. Às pessoas. Ao mundo – se não este em que vivemos, aquele que desejamos construir. Tenha isso em mente ao percorrer essas páginas que, apesar de muitas, ainda não correspondem aos mais de quatrocentos textos que recebemos quando anunciamos que faríamos uma edição comemorativa. Escolher é sempre perder um pouco, mas também é manter o mais precioso.

Você encontrará crônicas, contos, poesias, um trecho de livro, uma tradução, uma resenha, alguns artigos, duas listas, duas entrevistas – e até uma receita de pão. E muitas, muitas obras de arte – que desejamos, do fundo do coração, que não sejam motivo para herdeiro nenhum nos ameaçar de processo.

Tudo conta uma história. A ordem em que os textos foram colocados, também. Em vez de estarem agrupados por gênero, estão relacionados ora por continuidade, ora por ruptura. Isso para que você se sinta em movimento ao ler, para que não saiba o que vai encontrar ao dobrar a próxima esquina, mas que, ao fim, perceba que o percurso teve um sentido. Se sinta como em um museu. Um museu de palavra.

Por isso, não vou dizer aqui o que os textos reservam, como costumamos fazer ao apresentar uma edição. Você vai precisar confiar em mim. Mas, é claro, apesar de termos pavimentado uma trilha, você é livre para escolher seu percurso, para selecionar no índice o que prefere visitar primeiro. O único convite que faço é o de que você percorra essas páginas com calma. Que seja um momento de pausa. Que seja um momento de ar – que tem nos faltado, nesses dias duros em que vivemos.

Por fim, gostaria de deixar nossa mais profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram com esta edição, por terem compartilhado conosco seu tempo de vida e suas palavras. Seus textos trouxeram muita alegria a nós, que preparamos com carinho a revista, nos inspiraram, nos emocionaram e nos divertiram. Que todos os leitores sintam da mesma forma.

Até à próxima.

P.S.: se encontrarem erros, finjam que foram de propósito e chamem de estilo.

A MULHER DE 40 ANOS

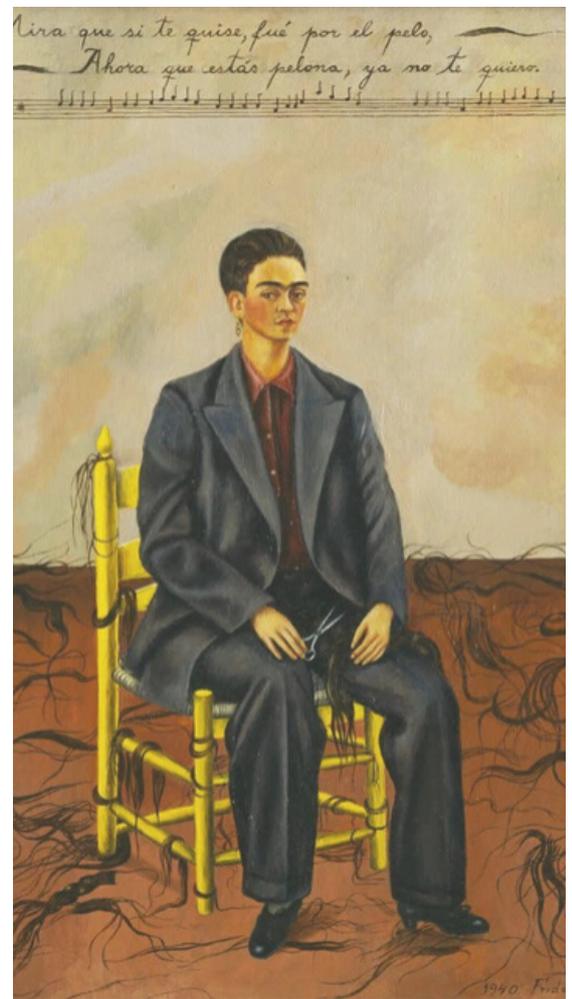
DANIELLA CHAVES

No ano em que eu comemorei trinta aniversários quis ler *A Mulher de Trinta Anos*, do Balzac. Acreditava que ao ler esse livro encontraria alguma revelação bombástica, algum tipo de ensinamento valioso ou qualquer coisinha que estivesse entre uma linha e outra e pudesse me ajudar a entrar pleníssima nessa minha nova década.

Não que eu tivesse algum problema com essa idade. O que eu sempre tive mesmo foi problema em viver. Independente de qual idade em que eu me encontrasse, viver nunca foi fácil por aqui. E assim, sabendo do livro, fui em busca desse sopro que eu encontraria em suas páginas e me deixaria pairando sobre minha nova idade.

Antes de mim, vocês aí já devem imaginar que eu não encontraria ali nenhuma fórmula mágica sobre como aprender a viver. Mas o que vocês talvez não saibam, e que eu não fazia a mais remota ideia é que o livro, pasmem, não é sobre uma mulher de trinta anos. Sim. Muito decepcionante. As páginas passavam e eu correndo lá na frente, tentando chegar o mais rápido possível no momento em que começaria a história da mulher trinta anos. Corri tanto que perdi o Carlos de Vandenesse. Caso alguém saiba do seu paradeiro, mande notícia do mundo de lá. Até que eu percebi, já sem folego, que a história era outra e já nem pensava mais no que tinha levado minhas mãos e meus olhos ali. Descobri que o livro é sobre a vida da Julia. Sobre todos seus anos vividos. Não apenas sobre seus trinta anos. Mas quando ela completa trinta anos Balzac acha que ela se torna “especial”. Por isso o nome do livro. Por isso o surgimento do termo balzaquiana.

Como vocês já sabiam e eu soube depois – bem depois – não encontrei o que buscava. Não porque a história não fosse sobre uma mulher de trinta anos e sim porque a dificuldade de ser é inerente a quem a sente.



Essa condição fez com que muitas coisas demorassem mais do que o necessário em mim. E mais coisas ainda demorassem tanto a chegar até mim que achei que nunca viriam. Mas os anos, esses vem a galope. Eu tive tempo de ver todos eles virem, me atropelando. Um dia consegui me agarrar às patas desse cavalo. Nuvem de poeira. Não via um palmo à frente do nariz. Quando consegui montá-lo, estava de costas, sem ter no que me segurar, uma vez que é impossível se segurar em coisas que não existem mais.

Dias antes de completar meus quarenta anos, a Letrux, homenageando Jean Cocteau pelo dia do seu nascimento, dividiu seu assombro pelo livro *A Dificuldade de Ser*. É o nome de livro mais lindo que eu já li - e a foto que ilustra a capa do livro é a mais linda que eu já vi. Há muitos anos consciente daquela minha condição, achei profundamente poético saber desse título, desse livro, desse autor, no dia do seu aniversário e na véspera do meu. Na manhã do dia 23 de julho, deitada na minha cama, ao abrir o livro, ainda na introdução, ainda na primeira linha me senti tão emocionada, tão sentida. A revelação aconteceu. Com trinta anos fiz uma escolha racionalmente e não consegui me encontrar com Balzac. Aos quarenta, Cocteau me encontrou e naquela manhã ficamos de mãos dadas.

Lembrei do Caetano dizer que os livros podem lançar mundos no mundo.

An impressionist painting of a pond with lily pads and flowers, featuring vibrant colors like blue, green, and purple. The painting is visible in the background, framing the central text.

**ESTE
ESPAÇO
PODE SER
SEU**

CONSIDERE ANUNCIAR NA PRÓXIMA EDIÇÃO

A COR PÚRPURA

PÁGINA 40

ALICE WALKER

Querido Deus,

Shug Avery tá vindo pra cidade! Tá vindo com toda a orquestra dela. Ela vai cantar no Lucky Star, lá na rua Coalman. Sinhô___ vai escutar ela. Ele se veste todo na frente do espelho, olha pra ele mesmo, depois tira a roupa e veste tudo outra vez. Ele alisa o cabelo dele com brilhantina, depois lava tudo outra vez. Ele fica cuspindo nos sapato dele e esfregando com uma flanela.

Ele fala pra mim, Lava isso. Passa ferro naquilo. Procura isso. Procura aquilo. Acha isso. Acha aquilo. Ele geme com os buraco das meia.

Eu vou cerzindo, passando ferro, achando o que ele quer. Tá contecendo alguma coisa? Eu pergunto.

O que você quer dizer com isso? ele fala, como se tivesse louco. Só quero tirar um pouco desse ar de caipira. Qualquer outra mulher ia ficar contente.

Eu tô contente, eu falo.

Contente como? ele pergunta.

Você tá bunito. Qualquer mulher fica orgulhosa.

Você acha? ele fala.

Primeira vez que ele pergunta uma coisa pra mim. Fiquei tão surpresa, mas na hora queu ia dizer Acho, ele já tava na varanda, tentando fazer a barba onde a luz tava melhor.

Eu fiquei zanzando o dia inteiro com o folheto fazendo um buraco no meu bolso. É um folheto rosa. As árvore entre a virada da nossa estrada e a loja tão cheia deles. Ele tem quase cinco dúzia no baú dele.

Shug Avery tá em pé ao lado do piano, os cotovelo curvado, a mão no quadril. Ela tá usando um chapéu igual cacique índio. A boca aberta mostra todos os dente dela e nada parece tá perturbando ela. Venha, venha todo mundo, tá escrito. A rainha das Abelhas de Mel tá de volta na cidade.

Meu Deus, eu quero tanto ir. Num é pra dançar. Nem pra beber. Nem pra jogar baralho. Nem pra escutar Shug Avery cantar. Eu ficaria gradecida só de poder botar o olho nela.

WALKER, Alice. A Cor Púrpura. Trad. Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SOBRE A COR PÚRPURA

MARCELA ORTOLAN

Cara amiga,

Tudo bem?

Fiquei feliz com as notícias na sua última carta. Por aqui não tenho muitas novidades, exceto que recentemente li um livro maravilhoso que gostaria muito que você lesse também.

O livro é A Cor Púrpura de uma escritora americana chamada Alice Walker. Foi uma leitura surpreendente. Para começar é um romance epistolar, todo escrito por troca de cartas, como essas que trocamos.

A linguagem com que a personagem escreve as cartas é uma linguagem simples, com erros característicos de quem teve pouca instrução. Achei muito boa essa sacada da autora, pois torna a personagem mais real e faz ela parecer mais próxima nós. Por falar em personagens reais, o que mais me encantou no livro foram as personagens. São mulheres negras e muito batalhadoras, fortes.

As personagens são complexas, como as mulheres da vida real e bem diferente da maioria das personagens dos romances que lemos por aí. São mulheres como as quais eu posso me identificar, ainda que viva alguns dramas diferentes.

Elas têm a força que têm as mulheres da minha e da sua família, mulheres que se viram com o que têm, que vão atrás do que precisam, que se ajudam e que movem a sociedade ao seu redor. Fiquei emocionada muitas vezes enquanto lia.



O livro trata de machismo e racismo de forma crua, fazendo muitas críticas e essas críticas fazem parte da narrativa não ficando a parte no livro, mas sendo parte essencial desse.

Ah, preciso avisar que as primeiras páginas são bem fortes, pois tem cena de abuso... eu mesma quase parei de ler nessa parte, contudo depois percebi que o abuso não foi um recurso à toa usado apenas para chocar, ele acabou integrando o arco narrativo muito bem.

Esse livro me caiu como uma revelação, como se eu tivesse descoberto uma nova forma de fazer literatura e porque tantos outros livros que já li muitas vezes não me completavam. O fato de ela retratar as mulheres como personagens complexas como nós fez com que eu me identificasse bastante com a narrativa.

Enfim, leia, leia, leia.

E depois me conte o que achou, por favor, não vejo a hora de ouvir a sua opinião sobre.

Espero que essa carta a encontre bem.

Um grande abraço saudoso,

Marcela.

**VOCÊ
PODERIA
TER
ANUNCIADO
AQUI**

CONSIDERE A PRÓXIMA EDIÇÃO

ANOS DE GLÓRIA

GABRIELLA OLIVEIRA

Búzios, na ex casa barulhenta, 20 de fevereiro de 2020.

Agora que convivo com a presença da morte quase todos os dias, me vejo com frequência me lembrando daqueles anos 40. Quão loucos foram!

Tínhamos acabado de comprar o teatro. Os vizinhos nos chamavam de escandalosos, mas éramos apenas artistas, na casa dos vinte anos, achando que tinham ganhado o mundo. Tudo era tão incerto. A cidade estava cheia de refugiados que ainda carregavam a sombra do terror em seus olhos. Mas nós éramos jovens, não estávamos preocupados com isso. Indo ver Casablanca nos cinemas em vez de ir para as trincheiras. Participando de festas com políticos e ladrões gananciosos. Fingíamos modéstia e brindávamos mais uma vez nos esquecendo do motivo logo em seguida.

Ainda consigo ver, eu e Hugo brigando e cambaleando pela calçada no caminho para a casa da Marta. Me lembro de seu gato, Romeu, que nunca olhava diretamente para as pessoas, sempre para os lados e ela dizia que era porque ele era médium. Planejávamos viagens para Paris, mas só quando ela voltasse a ser dos parisienses. Ensaiávamos Vestido de Noiva e Hugo nunca esteve tão enciumado de mim. Não sei porque, todos sabiam que eu e ele, Hugo e Inez, éramos os reis daquela cidade. Despejávamos as polaroides em cima da nossa mesa da cozinha e dava para ver que nossas almas estavam entrelaçadas só pelo jeito que nos olhávamos. Para mim aquilo ainda era o suficiente. Hugo e Inez.

Lembro do dia da estreia da peça e do nosso teatro. Hugo me olhou nos olhos, nervoso, e me perguntou se eu tinha certeza, se deveríamos abrir as cortinas, minutos antes do horário marcado. “Nunca tive certeza”, eu respondi. Ele sorriu e as cortinas se abriram.

No fim, ficamos surdos de tantos aplausos. Engravidei pouco tempo depois. E logo compramos essa casa em que ainda moro.

Nossas festas ficaram maiores e queríamos mais privacidade, assim como os convidados. Mas só um pouco. Costumávamos lotar o teatro todos os dias da semana, e no fim da última sessão pegávamos o carro e íamos dirigindo até nossa casa em Búzios. Meu cabelo envolvido pela maresia salgada e o silêncio da estrada interrompido pelas nossas risadas e gritos de glória. Nos perdíamos noite adentro, entre elogios e garrafas de bebida. Ainda tenho algumas dessas garrafas aqui em casa. Cheias de poeira e com flores secas dentro delas.

Foi no final dos anos 40 que conheci Manuel. O meu erro mais selvagem. Ele substituiu um dos atores do Vestido de Noiva. Não era minha intenção ficar tão próxima. Na verdade, a única explicação que consigo dar é que foi aquele bicho que mora dentro das mulheres e que não se conforma quando os maridos passam a ver suas esposas apenas como mãe dos seus filhos e não como amantes. Era uma vontade de me sentir disputada, desejada. Eu andava nervosa. Hugo dava mais atenção às outras atrizes do que a mim. Não falávamos mais sobre nós, só sobre trabalho e nossos filhos que nessa altura já somavam três. Muito clichê. E eu nunca fui uma mulher de clichês.



Christ and the Woman Taken in Adultery, Mattia Pretti, c. 1640

Quando Hugo descobriu, voltou para o nosso apartamento no Rio e ficou por lá meses seguidos, sem visitar as crianças e me evitando nos ensaios. Pensei que talvez fosse ser o nosso fim, mas uma parte dentro de mim me falava que ele sempre voltaria para mim. E não estava errada. Depois daqueles anos, as coisas começaram a ficar difíceis. Havia muita concorrência. Já não éramos os preferidos. Começou a ser difícil ser artista. Quase como se fosse um crime, ou como se fossemos, na verdade, comunistas. Eu e Hugo voltamos a ser carne e osso e assistimos juntos o nosso castelo desmoronar. As coisas nunca mais voltaram a ser as mesmas.

Sinto tanto saudade daqueles anos 40. Foram os melhores da minha vida. E acho que de Hugo também. Fomos reis, disso não tenho dúvida. Nunca nos divertimos tanto causando desordem e transformando escândalos em arte.

Inez



Dame in hellblauem Kleid, Johann Baptist Reiter, 1840

LOTERIA

NELSON

DANILO CHAVES

No final da tarde do dia 21 de dezembro de 1980 corria o bolão da Loteria Esportiva. Um bolão entre amigos foi sorteado tendo feito treze pontos. Ao mesmo tempo um dos ganhadores era enterrado no Cemitério São João Batista, na cidade do Rio de Janeiro. O falecido era conhecido em todo o Brasil pelo nome de Nelson Rodrigues.

Quarenta anos nos separam daqueles treze números ganhadores da loteria e a sorte apenas favoreceu ainda mais Nelson Rodrigues. Reconhecido como um grande autor de teatro, jornalista, quiçá um dos mais famosos do país, cronista e contista de finura exemplar, foi ainda romancista e ator eventual em uma de suas próprias peças. Foi também autodeclarado reacionário, um frasista irretocável, um defensor do regime militar, um abstêmio, um tuberculoso, um pobre de Deus afligido pela úlcera estomacal e um polemista eterno, capaz de gerar furor em círculos tão diversos quanto a Liga das Famílias Católicas, o Partido Comunista Brasileiro e as feministas.

O teatro brasileiro ainda não viu surgir outra personagem que se equipare. Plínio Marcos seria um candidato, mas nunca teve a chance de mostrar suas ideias pois as peças mal eram escritas já estavam censuradas. Nelson teve também seus problemas com a censura do governo Vargas. Foi chamado de tarado e imoral. Algumas de suas “obscenidades”, como por exemplo sua peça Álbum de Família, apenas foram admitidas nos palcos justamente após o sujo Golpe Militar levado a cabo em 1º de abril de 1964 – a piada de mau gosto que o Brasil teve que aguentar por mais de vinte anos.

Nelson foi assim vinculado ao Golpe e durante muito tempo não fez questão de se desvincular. Sempre se declarou um reacionário e em suas polêmicas jornalísticas xingava de comunista a todos aqueles que lhe parecessem merecedores da alcunha. Somente com a prisão de seu filho Nelsinho é que o discurso mudou levemente de tom. Nelson jamais se tornou um detrator do regime – ainda demoraria 6 anos para que o mofo dos militares fosse finalmente retirado de sobre os nossos ombros. Sua carta pela anistia é um pedido sem polêmica e bastante amistoso. Aqui fazemos uma ressalva justa: ao pedir pela liberação de seu filho, não seria lógico que o sujeito começasse um finca-pé com o Presidente da República nas páginas de um jornal.

Ainda assim, que se desconte essa carta em que o remetente – talvez munido da esperteza de quem pede e quer mostrar que tem amigos poderosos, talvez simplesmente amistosa – em que o remetente se derrama em familiaridade com o altíssimo escalão dos Golpistas, Nelson foi um apoiador do regime que prendeu, torturou e matou milhares de seres humanos. E ainda assim sua popularidade no teatro nunc diminuiu. Suas amizades artísticas até hoje são reverentes ao se referirem a ele – pensem em pessoas ilibadas como Fernanda Montenegro ou Ruth de Souza.



La Contenance de Scipion, Nicolas Poussin, 1640



Em 1960 a pedido de Fernanda Montenegro ele escreve *O Beijo no Asfalto*, peça que trata fartamente da manipulação da verdade por pessoas inescrupulosas. *O Beijo* poderia muito bem ter sido uma premonição da era das *fakenews* onde corruptos e interesseiros pervertem a vida de uma família simplesmente para tirar o maior lucro da situação. Escrita por um sujeito que sabia exatamente como criar e manter uma mistificação – estamos aqui num período ainda anterior ao Golpe Militar – *O Beijo no Asfalto* é uma das provas cabais da maestria teatral de Nelson Rodrigues. E passados dez anos esse mesmo mestre estará num camarote de honra ao lado do presidente golpista Emilio Garrastazu Médici.

Em quarenta anos, Nelson viu-se transformado no grande clássico brasileiro. Não somente suas peças são montadas, mas seus contos se tornam peças. Sua obra infiltra-se no cinema e na televisão. Sua permanência é ainda palpável na intelectualidade brasileira. Você pode amar ou odiar Nelson, raro é ser indiferente a ele. Nelson inclusive já sofreu o que pôde e o que não pôde nas mãos de diretores. Suas peças já tiveram montagens estapafúrdias como só podem sofrer os clássicos.

Ele é sem dúvida um espírito fundador dentro do teatro brasileiro. Seus textos carregam uma brasilidade que nós aprendemos com ele e que reconhecemos brasileira através dele. Não houve ainda outro autor que tivesse essa mesma capacidade em nosso teatro. Suas peças são carregadas de tragédia e de ironia, de *pathos* e de apelo popular. Ele consegue tramar o mais delicioso deboche em meio à mais pura devastação humana.

Até que ponto a personagem do polemista reacionário se incorporou realmente à pessoa de Nelson Rodrigues? Suas polêmicas podem ser de direita, seus textos não são. Até que ponto ele realmente não sabia das atrocidades cometidas pelos fétidos governos militares? Um intelectual do seu calibre não pode ter sido assim ignorante. Até que ponto uma obra tão rica de humanidade deve ser posta de lado pelas ideias que seu autor prodigalizava? Separar o autor e obra parece ser hoje um caso que beira o impossível e ainda assim, eu mesmo, li quinze das dezessete peças dele e ainda acho que são quase todas geniais.

Não sei responder a essas perguntas. Não sei apaziguar os paradoxos. Não sei, por fim, o que teria feito Nelson Rodrigues com o prêmio da Loteria Esportiva não tivesse ele morrido ironicamente na manhã do dia em que ganhou o bolão.

40 FILMES BRASILEIROS COM 40 ANOS OU MAIS

IGOR NOLASCO

1. O Torturador (Antônio Calmon, 1980)
2. Muito Prazer (David Neves, 1979)
3. Mar de Rosas (Ana Carolina, 1978)
4. O Casamento (Arnaldo Jabor, 1976)
5. Iracema (Jorge Bodanzky e Orlando Senna, 1975, Brasil)
6. As Aventuras Amorosas de Um Padeiro (Waldir Onofre, 1975)
7. A Rainha Diaba (Antonio Carlos da Fontoura, 1974)
8. Compasso de Espera (Antunes Filho, 1973)
9. Os Homens Que Eu Tive (Teresa Trautman, 1973)
10. Vai Trabalhar, Vagabundo! (Hugo Carvana, 1973)
11. S. Bernardo (Leon Hirszman, 1972)
12. Na Boca da Noite (Walter Lima Jr., 1971)
13. Mãos Vazias (Luiz Carlos Lacerda, 1971)
14. O Profeta da Fome (Maurice Capovilla, 1970)
15. Navalha na Carne (Braz Chediak, 1969)
16. Tempo de Violência (Hugo Kusnet, 1969)
17. Um Homem e Sua Jaula (Fernando Coni Campos e Paulo Gil Soares, 1969)
18. Jardim de Guerra (Neville De Almeida, 1968)
19. A Vida Provisória (Maurício Gomes Leite, 1968)
20. A Margem (Ozualdo Candeias, 1967)



21. Amor e Desamor (Gerson Tavares, 1966)

22. São Paulo, Sociedade Anônima (Luiz Sérgio Person, 1965)

23. O Desafio (Paulo Cezar Saraceni, 1965)

24. Esse Mundo É Meu (Sérgio Ricardo, 1964)

25. Grito da Terra (Olney São Paulo, 1964)

26. Barravento (Glauber Rocha, 1962)

27. O 5º Poder (Alberto Pieraseli, 1962)

28. Tocaia no Asfalto (Roberto Pires, 1962)

29. O Homem do Sputnik (Carlos Manga, 1959)

30. Maria 38 (Watson Macedo, 1959)

31. A Sina do Aventureiro (José Mojica Marins, 1958)

32. O Grande Momento (Roberto Santos, 1958)

33. Rio, Zona Norte (Nelson Pereira dos Santos, 1957)

34. O Cangaceiro (Lima Barreto, 1953)

35. Amei um Bicheiro (Jorge Ileil, Paulo Wanderley, 1952)

36. Também Somos Irmãos (José Carlos Burle, 1949)

37. Alô, Alô, Carnaval (Adhemar Gonzaga, 1936)

38. Ganga Bruta (Humberto Mauro, 1933)

39. Limite (Mário Peixoto, 1931)

40. Aitaré da Praia (Gentil Roiz, 1925)

A PAIXÃO NACIONAL DO HORÁRIO NOBRE DOS ANOS 80

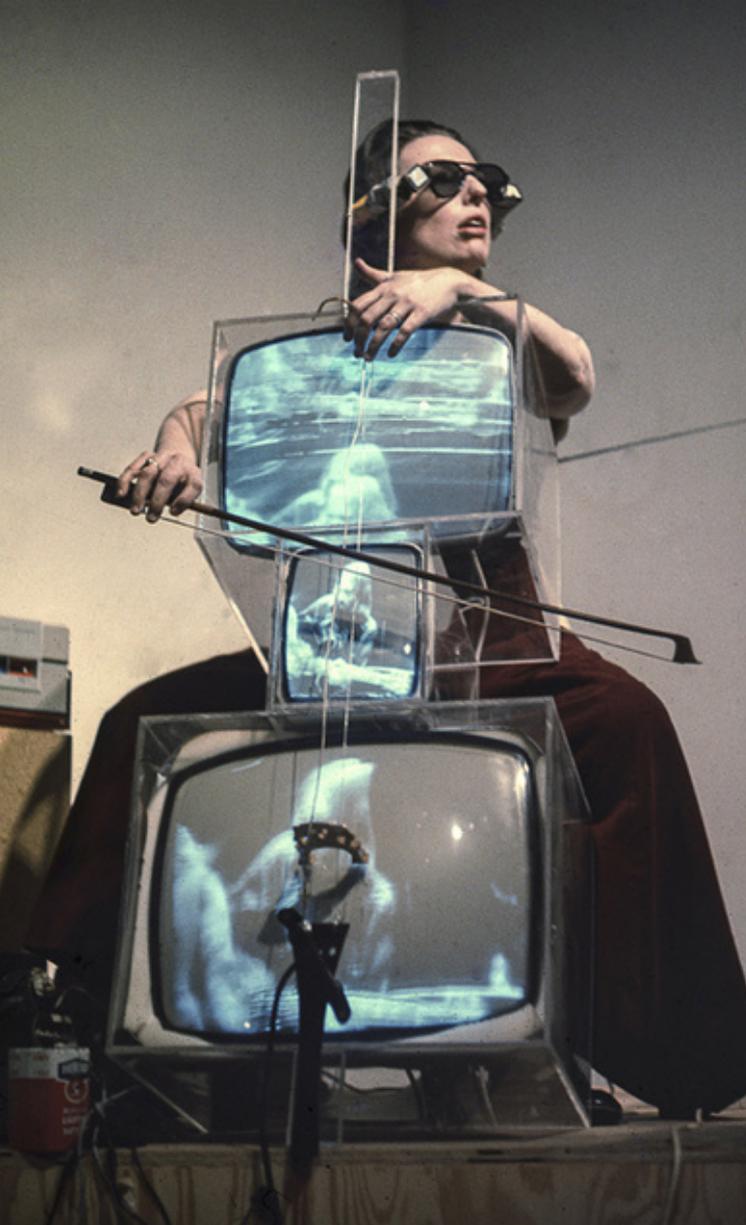
ARTUR FONSECA
ROMEU CASTRO

Nesses 40 anos de publicações da Fruta Bruta, o entretenimento brasileiro passou por várias mudanças. E como gostamos de um bom entretenimento, não poderíamos deixar de ficar nostálgicos com algo que, sem dúvida, é uma paixão nacional: as Telenovelas. Em meados dos anos 80, quando a revista foi lançada, a popularização da televisão, fortalecida pela teledramaturgia, prendia as famílias reunidas na sala. Ficou famosa a “era das novelas das 8h” em que mais da metade do país parava pra assistir dramas como *Roque Santeiro* ou *Vale Tudo*.

Roque Santeiro retratava a fé de pessoas em torno de um falso mito criado unicamente para atrair lucro para a Igreja e para pessoas com interesses próprios como a *Viúva Porcina*, a que foi sem nunca ter sido; retratava até as aventuras da donzela virgem com o namorado professor que se transformava em lobisomem. Já *Vale Tudo* surgia com uma narrativa urbana e a grande discussão sobre o jeitinho brasileiro de

conseguir as coisas; com o grande embate entre a filha ambiciosa e a mãe honesta, entrelaçadas, na alta sociedade, a empresários de caráter duvidoso; com o assassinato da grande vilã Odete Roitman que o Brasil inteiro tentou desvendar.

Não há como negar o poder de engajamento e influência que esse produto tem no cotidiano da sociedade brasileira. Diversas tramas já serviram para informar, ditar moda e levantar discussões sobre assuntos que até então eram tabus. Em 1987 a novela *Brega e Chique* causou burburinho ao tratar do tabu da nudez masculina ao colocar um homem nu na sua abertura. A nudez, até então comum nos corpos femininos, chocou o país quando aparece um homem ao som da música “Pelado, pelado/ Nu com a mão no bolso”. A mesma novela lançou tendência de moda com o corte de cabelo da personagem Rafela vivida pela brilhante e sempre maravilhosa atriz Marília Pera. O corte de cabelo Chanel, predominante dos anos 20, voltou a moda nesta década.



Charlotte Moorman com o TV Cello, de Nam June Paik na Bonino Gallery, em Nova Iorque, 1971. Fotografia de Takahiko Limura.

Ainda falando sobre a influência na moda, inúmeras tendências saíram da tela da TV para as ruas do país, como a camisa do personagem Raimundo Flamel de *Fera Ferida*; ou a pochete de Malu Mader que viveu a personagem Glorinha da Abolição em *O Outro*. Malu, nos anos 80, era uma espécie de Bruna Marquezine, tudo o que ela usava virava moda, tudo o que ela fazia era motivo de notícia e fofoca. Saudades, Malu Maravilhosa Mader! Outra tendência que bombou na época foram as malhas e meiões de lã coloridos usados por Beth Faria em *Baila Comigo*.

Na música, as novelas serviam de porta de grande visibilidade para os artistas.

Colocar uma música na trilha sonora das novelas era garantia de sucesso. Várias canções e vários artistas ficaram conhecidos por conta de temas em novelas, seja nas aberturas ou como tema de um par romântico. As trilhas sonoras eram outro produto que gerava grande engajamento com o público. Os discos lançados com as trilhas tinham como capa os personagens de maior destaque na trama, produto esse que hoje é item de colecionadores apaixonados. A expectativa do lançamento desses discos gerava comoção com o público. Saber quem seria o personagem escolhido para estampar a capa e ter reunidas ali as canções que embalavam suas histórias favoritas movimentava ainda mais o mercado fonográfico.

A atriz Claudia Raia foi quem estampou mais vezes capas de trilhas, como com sua esquentada Tancinha em *Sassaricando Internacional* ou em *Rainha da Sucata Nacional* com sua personagem Adriana - a bailarina das cochas grossas que não tinha talento. Essa novela, inclusive, trouxe a explosão da lambada com a música *Me Chama que Eu Vou* do cantor Sidney Magal - que já era um chamativo para correr e assistir. Alguns artistas são campeões de trilhas em novelas, como Rita Lee, Marina Lima, Gal Costa, Maria Betânia e a banda Roupas Nova, que muitas vezes compunham trilhas encomendadas para tramas específicas e deixou marcado na história o hit *Dona*, tema da Viúva Porcina em *Roque Santeiro*.

A forma como são feitas as novelas hoje mudou em relação às dos anos 80. O público mudou, e com isso o olhar dos diretores e o texto dos autores deixaram para trás as histórias fantasiosas vividas em terras imaginárias, aproximando a linguagem do público e da realidade brasileira. Caso esse de Avenida Brasil, um dos últimos grandes sucessos de crítica e audiência que contava a história

de uma família do subúrbio carioca ambientada no bairro fictício do Divino, uma alusão a Madureira.

Apesar da mudança comportamental da sociedade brasileira as telenovelas ainda são o produto mais visto no Brasil. Ainda são tratadas como paixão nacional e, se adequando aos tempos atuais, continuam contando suas histórias e mantendo seu público fiel. Seja de qualquer forma, pela TV aberta ou pelo streaming, as novelas encantam, intrigam, reúnem as pessoas, nos transportam para outros mundos, fazem com que possamos talvez, por algumas horas, viver outra realidade.

THE LOBSTER, MINUTO 40

DANILO CHAVES,
em colaboração com
YORGOS LANTHIMOS E
EFTHIMIS PHILIPPOU

Uma mulher jovem segura em suas mãos uma folha de papel. Seu cabelo castanho alourado chega-lhe em cuidada desordem até os ombros. A luz de uma janela, vinda do lado esquerdo da cena, faz com que parte do seu cabelo, que desce tanto sobre o ombro quanto sobre o seu perfil esquerdo, rebrilhe. Essa difusa claridade de dia chuvoso ilumina amplamente suas mechas fulvas. Toda a sala está banhada nessa luz mortiça. A mulher olha fixamente para alguém que não vemos. Os olhos claros estão ambigualmente carinhosos e parcialmente na sombra – o olho direito na sombra do rosto, o olho esquerdo na sombra que lhe fazem os cabelos. Suas sobrancelhas castanhas e retas não têm franzido. Seu nariz não é delicado, combinando com o arredondado de todo o rosto. Sua boca vermelho-coral, surpreendida em meio à leitura, pousa-se fechada entre um sorriso e um esgar, ambígua como os olhos. Seu colo e pescoço são brancos e parecem mais brancos talvez em contraste com o pulôver azul profundo que ela usa.



Screenshot de "The Lobster" (2015), diretor Yorgos Lanthimos, minuto 40.

Uma blusa branca – ou seria um vestido? – de rosas azuis – são de um azul mais apagado que o pulôver as ramagens e as flores – discretissimamente decorada no colo, harmoniza-se, ao mesmo tempo, com o branco de sua pele e o azul do pulôver. Suas mãos delicadas seguram a borda inferior da folha de papel branco, esmaecido, em cuja contraluz podemos ver um recado, uma carta, um bilhete escrito a mão, com um pequeno borrão ao centro. Não se pode ler o que vai escrito. Suas unhas são claras e não parecem levar esmalte, suas mãos brancas. No punho esquerdo do pulôver metade de um botão aparece. Não vemos abaixo do busto.

Ela senta-se de lado, deixando o flanco esquerdo virado para o amplo espaldar da poltrona estofada de amarelo esmaecido. O estofado não é recente, porém não dá sinais de ter sofrido maus tratos. Antes é até bem cuidado, como um móvel porque se tem apreço. Tem grande dignidade essa poltrona e seu espaldar. Bem ao fundo, fora de foco, vê-se a parede dividida em duas cores talvez

pela pouca iluminação: em tom rosado acima da boiserie e cinza-esverdeado abaixo. Um móvel, talvez cômoda, talvez armário, talvez secretária de madeira que lembra o castanho do mogno, emoldura a mulher e sua poltrona. Dois frontões em formato de pinha, que parecem de metal pesado e poderiam ser da ameia de algum castelo medieval, enfeitam esse móvel. À direita, outro móvel mais escuro. Quiçá uma porta. À esquerda veem-se arranjos de flores, certamente girassóis com seus círculos amarelos tão vangoghianos. Um arranjo está num plano mais alto posto sobre algo branco – seria um pilar? Seria uma bancada? – o outro num móvel baixo de madeira da mesma coloração que a cômoda. O chão da sala é escuro.

Toda a cena tem um ar esmaecido, nublado, exceto talvez pelos girassóis que apenas parecem difusos por estarem fora de foco. Conversam em belíssimo diálogo os tons de dourados do cabelo com os amarelos dos girassóis e da poltrona. Assim como os azuis e brancos que compõe a figura da mulher.

Embora não possamos ver o que vai escrito, sabemos que é a despedida que a Mulher Cujo Nariz Sangra escreveu para sua melhor amiga que será transformada em pônei no dia seguinte.

Int. Hotel – Manhã

A Gerente do Hotel, A Mulher Cujo Nariz Sangra e sua Melhor Amiga, sentadas à mesa. A Melhor Amiga está chorando. A Mulher Cujo Nariz Sangra não está.

Gerente do Hotel

Hoje é o seu último dia. Como de costume, você pode escolher como gostaria de passar sua última noite. O que eu sempre recomendo nestas situações é que seria inteligente escolher algo que você não pode fazer como animal, como ler um clássico da literatura ou cantar uma música de que goste muito. Seria tolice se você escolhesse, por exemplo, caminhar pelo campo ou ter intercurso sexual com alguém pois estas são coisas que você pode fazer como animal. Mas antes, sua melhor amiga gostaria de ler algo que escreveu para você e que é realmente tocante.

A Mulher Cujo Nariz Sangra desdobra uma folha de papel.

Mulher Cujo Nariz Sangra

Nós sempre nos sentamos juntas na escola e sempre que eu tinha um problema eu falava com você porque você sempre deu os melhores conselhos. Quando nós não conseguimos encontrar pares para irmos ao baile da escola, o fato de que estivéssemos juntas naquele difícil momento me deu força. Eu sinto muito que as coisas tenham chegado a isso. Eu tenho certeza de que se você tivesse mais alguns dias você encontraria alguém, como eu encontrei, porque você é uma pessoa admirável e você tem cabelos muito bonitos e seis muito legais. Eu sempre tive inveja dos seus cabelos, você sabe. Você foi, é, e sempre será minha melhor amiga e eu pensarei em você com frequência e eu sempre usarei aqueles brincos de prata que você me deu no meu aniversário. Eu sentirei sua falta e não importa quantas amigas eu farei daqui uns dias quando eu voltar para a cidade, eu não acho que encontrarei outra tão verdadeira e bonita quanto você.

A Melhor Amiga da Mulher Cujo Nariz Sangra se levanta e a esbofeteia. A Gerente do Hotel intervém. O nariz da Mulher Cujo Nariz Sangra está sangrando por causa do tapa.

A Melhor Amiga da Mulher Cujo Nariz Sangra

Eu gostaria de assistir ao filme “Stand by Me” com River Phoenix, Kiefer Sutherland e Richard Dreyfuss. Sozinha.

O ROCK NACIONAL DOS ANOS 1980: MELHOR QUE RECORDAR, FOI TER VIVIDO!

FRANCISCO ÉVERTON PEREIRA

Falar da década de 1980 no Brasil e não falar de música é praticamente cometer um pecado social. A música influenciou o comportamento, a moda, trouxe uma nova linguagem falada e corpórea. Agora, quando falamos especificamente do rock nacional dessa mesma década, é como mergulhar num mar de riqueza em muitos detalhes e para nós da *Fruta Bruta* que vimos tudo isso desde sua origem, falar do rock é também rememorar a nossa própria história.

De *Aborto Elétrico* até *Velho Cerrado* os últimos 40 anos são exemplos de como a juventude brasileira se colocou em evidência em todo o território nacional, desde suas cidades metropolitanas até os rincões do país tupiniquim. E o centro do país não ficou assistindo esse fenômeno de longe não! Os céus de Brasília assistiram o nascimento de nomes como Dinho Ouro Preto e Renato Russo... as críticas chegaram logo, pois para a maioria era estranho que a “burguesia cantasse sobre o povo tomar as rédeas da nação”, soava de forma hipócrita para muitos artistas que vinham de camadas sociais que viviam todas aquelas mazelas evidenciadas nas letras das canções.

Críticas à parte, o cenário musical do rock superou os preconceitos, o conservadorismo da maior parte da população, colocou em evidência os problemas sociais do país que saía de anos de uma Ditadura Militar marcada por muitos retrocessos. A abertura política, também foi o “chute na porta” que nossos roqueiros precisavam



Radio Man, Nam June Paik, 1987

chamando o povo para pensar de modo ativo e fazendo isso na linguagem que todos entendiam.

Um dia num show, cantando a música 1965, Renato Russo desabafou no palco:

Não adianta, eu não tô conseguindo me concentrar. Eu tava pensando em todos esses outdoors babacas que começaram a aparecer por aí, entendeu? [...]. Eu gosto da bandeira (nacional) também, mas eu não tava conseguindo me lembrar da letra entendeu? Comecei a cantar que estupidez é inteligência, e recompensa é escravidão, sabe qual é? É difícil! É difícil! [...]. Eles gastam mais dinheiro com propaganda do que comprando comida pra quem precisa!!! (RUSSO, Renato. 19??)

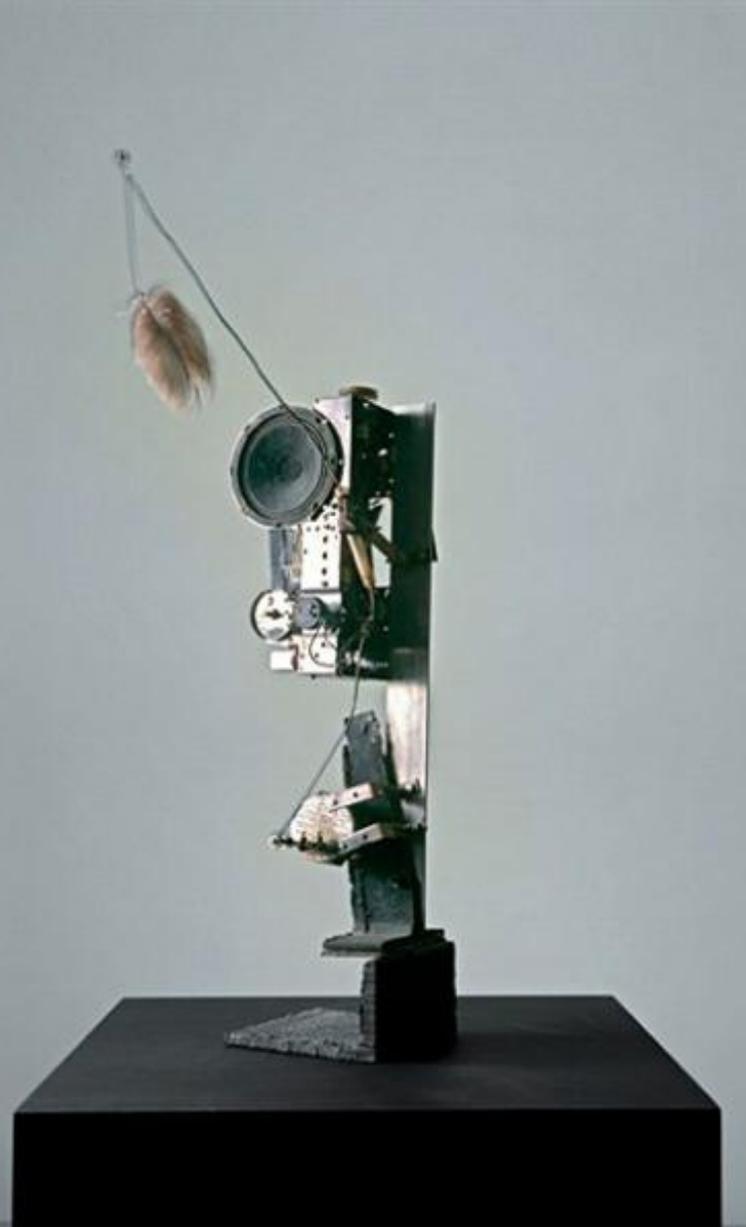
Fica claro que o artista era bastante incisivo ao se tratar de política: não estava nem satisfeito, nem conformado e muito menos acreditando que aquela transformação política estava chegando para todos os lares brasileiros. Por isso as canções não só da Legião Urbana, como da maioria das bandas que surgiram nos anos 1980 eram críticas sociais escancaradas, não tendo medo de mostrar as feridas e as marcas que a Ditadura criou.

Mas nem só de crítica social vive o rock nacional. Assim como as bandas de fora, os roqueiros nacionais cantavam muito sobre o sexo, o uso de drogas e a vida sem amarras, o que choca até hoje a chamada “família tradicional brasileira”. A religião se referia ao rock como uma espécie de “câncer social”: se seus filhos gostam desse gênero musical, tenham cuidado! Eles podem estar sob influência de “más companhias!”.

O punk rock foi o meio que mais sofreu dessa censura velada que era defendida pela parcela mais conservadora da sociedade. Mas vocês pensam que eles guardaram suas guitarras e se esconderam? Essa perseguição parecia dar mais força e voz aos que cantavam e influenciavam muito mais aos fãs, que passaram a trocar os cultos religiosos pelos shows de bandas como *Ratos de Porão* por exemplo.

Mas foi com o R.P.M que o rock nacional chegou a sua maioridade, sem deixar de ser adolescente. A banda viveu a experiência de “beatlemania” no Brasil: fãs histéricas que perseguiam os artistas em hotéis e aeroportos, mexas de cabelos que eram literalmente arrancadas dos artistas na ideia de guardar mais uma lembrança daqueles shows inesquecíveis! Certa vez foram seguidos por fãs que desejavam simplesmente “cheirá-los”.

Louras Geladas foi a música que lançou a banda no mercado nacional. Inicialmente “não pegou”, mas quando recebeu uma versão remix, estourou nas boates e rádios de todo o país, colocando a banda em evidência no mercado fonográfico. Algumas outras bandas de rock viam aquele crescimento do R.P.M sem entender como ele se fazia pois, nas palavras de Luiz Schiavon: “a gente não era engraçadinho. A gente encarava a música de uma forma mais séria! ”.



Radio-Skulptur Jean Tinguely, 1962

Engraçadinhos ou não, os R.P.M's eram lindos! Quando passaram a ser dirigidos pelo gênio da arte *Ney Matogrosso*, esse sexy appeal passou a ser muito explorado no sentido boy band... Não havia quem (independente de gênero), não suspirasse pelos R.P.M's sem camisa no palco (mesmo com aquela carinha carrancuda que tinham). O tempo de vida da banda foi curto, começando em 1984 e encerrando (pela primeira vez) em 1986. Foram como um foguete: decolaram, fizeram muito "barulho", impactaram gerações e jamais serão esquecidos!

O rádio e a TV contribuíram muito para a popularização do rock nacional. As músicas não saíam das "paradas de sucesso" e nem das novelas. Isso fazia com

que as letras se popularizassem na boca do povo. Programas como "Cassino do Chacrinha", "Xou da Xuxa", relevaram bandas como *Paralamas do Sucesso*, *Titãs*, *Barão Vermelho* e tantas outras que se fosse para elencar, até um livro poderia ser publicado sobre esse tema.

Quarenta anos depois da explosão dessa cultura de massa, algumas bandas resistiram ao tempo, eternizaram suas músicas e influenciaram muitas outras que vieram depois. É o caso dos *Paralamas do Sucesso*, que foram inspiração dos *Mamonas Assassinas*, *Skank*, *Jota Quest...* o Rock brasileiro tem muito dessa característica da "herança musical". Imagino que você leitor já tenha se divertido com muitas canções que provocam uma certa: "saudades desse passado próximo"...

A memória do rock está eternizada em um museu próprio que fica na cidade de São Paulo. A "galeria do rock" é um local por onde muitas bandas fizeram suas apresentações no início de suas carreiras. Hoje é um espaço com muitas lojas de produtos específicos dessa cultura, mas que respira e defende a bandeira do rock brasileiro.

E assim o rock passou de canção de protesto para poesia sobre o cotidiano, narrando as desventuras e aventuras sobre amor (e suas crises), a vida na escola, na universidade... era um misto de: "você precisa passar no vestibular", mas também "odeio química", que caracterizava os dilemas da juventude oitentista. Nós da *Fruta Bruta* saudamos do rock nacional com uma sensação nostálgica, pois somos a "Geração Coca-Cola" e nossos corações foram tocados pela mensagem de "fazermos a Revolução". O mundo até "pode acabar!", mas assim como *Natasha*, a gente só vai "querer dançar" e celebrar o maravilhoso rock brasileiro!

MÚSICAS QUE COMPLETAM 40 ANOS EM 2020

DENIS FONTENELE

1. Xanadu, **Olivia Newton-John**
2. Morena De Angola, **Clara Nunes**
3. Lança Perfume, **Rita Lee**
4. Upside Down, **Diana Ross**
5. Woman In Love, **Barbra Streisand**
6. The Winner Takes It All, **ABBA**
7. Aquarela Do Brasil, **Gal Costa**
8. Save Me, **Queen**
9. The Tide Is High, **Blondie**
10. E Vamos À Luta, **Alcione**
11. Objeto direto, **Belchior**
12. Capim do Vale, **Elba Ramalho**
13. Doce vampiro, **Ney Matogrosso**
14. Canção Da América, **Milton Nascimento**



Blind singer, William H. Johnson, 1940



XL - Fruta Bruta, Danilo Araújo, 2020

40 PERGUNTAS PARA JANA BIANCHI

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

1. Qual o livro que você menos gostou de ler?

JANA: Agora, sou totalmente adepta de largar livros porre pela metade, mas antes não era e sofri lendo cada linha de *A cabana*, por exemplo.

2. Qual personagem que você gostaria de chamar para falar umas verdades?

JANA: Victor Frankenstein, o maior embuste da história da literatura (quicá da história em geral).

3. Qual autor ou autora que você chamaria para falar umas verdades?

JANA: No atual momento, a única alternativa de resposta é: a inominável que escreveu o livro do menino que sobreviveu.

4. Se você pudesse voltar no tempo e escolher um autor ou autora para impedir que publicasse algum livro, quem seria?

JANA: Ia impedir que o Monteiro Lobato publicasse os livros do Sítio do Picapau Amarelo. É de amplo conhecimento que o universo literário sempre se equilibra pra garantir a existência de grandes conceitos, então tenho certeza de que nessa linha temporal paralela uma pessoa menos racista escreveria ótimos livros infantis sobre uma boneca tagarela e seus amigos.

5. Você marcou um date com um(a) personagem e ele te deu um bolo: qual é o personagem?

JANA: Sherlock Holmes. Ele me parece o típico cara que dá bolo e justifica dizendo que estava trabalhando (imagino ele parando pra seguir pistas a caminho do date).

6. Você mandou uma mensagem no wpp para um(a) personagem e ele(a) te deixou no vácuo:

JANA: Lyra, de *Fronteiras do universo*. Pra que olhar o celular se ela tem um aletiômetro?



7. Você saiu para um rolê com um(a) personagem e foi horrível:

JANA: Frodo Bolseiro. A gente ia só fazer uma trilha e, quando vi, já tava escalando um vulcão com o sujeito nas costas.

8. Você foi visitar um(a) personagem e a casa estava imunda:

JANA: Daenerys Targaryen. Não porque ela não é higiênica, coitada, mas imagina a casa dela cheia de cocô e restos de comida de 3 (três) dragões.

9. Um(a) personagem te chamou para almoçar na casa dele e fez uma comida horrível:

JANA: Hannibal Lecter. Eca.

10. Um(a) personagem te chama no wpp de madrugada para desabafar todos os dias:

JANA: O Mort, o aprendiz de Morte (da série Discworld, do Terry Pratchett). Imagina o que o pobre tem que suportar.

11. Um(a) personagem te chama no wpp apenas para falar de si mesmo(a):

JANA: O Dorian Gray. Deve ser impossível ser mais egocêntrico do que alguém que vende a alma pro demo pra continuar bonito (e no processo ainda instala um retrato gigante de si mesmo na casa).

12. Um personagem te chamou para jantar e te leva para um restaurante francês:

JANA: O Tyrion. Se ele pudesse vir pro nosso mundo (estou supondo que pode, o Wigvan que lute), certamente ele ia ser esse tipo de bon vivant.

13. Um(a) personagem te chamou para jantar, mas usa o golpe “putz, esqueci a carteira”: qual é o personagem?

JANA: O Kvothe. Tá sempre precisando arrumar dinheiro, o moço.

14. Um(a) personagem que seria um ótimo personagem de uma novela mexicana?

JANA: Todos os personagens da Mary Shelley. Eu acabei de traduzir um livro dela e estou encantada com o drama gótico (nível: pessoas morrendo de amor literalmente).

15. Um(a) personagem que seria incrível em uma novela do Manoel Carlos?

JANA: O casal Edward e Bella. Tá passando Laços de família de novo na TV e nossa, eles dois têm a mesma química do Edu com a Camila, hein (risos).

16. Um(a) personagem que seria perfeito(a) em Malhação?

JANA: Todos os personagens dos livros do Vitor Martins! Das temporadas mais recentes e politizadas de Malhação, aliás.

17. Um(a) personagem que, se fosse um prato, seria um miojo sabor tomate?

JANA: Amo que essa resposta depende da sua relação com miojo sabor tomate hahaha... Eu acho meio peculiar, mas você acaba aprendendo a gostar e no fim vira fã. Então vou de Paul Atreides de Duna.

18. Um(a) personagem que, se fosse uma bebida, seria um café sem açúcar?

JANA: Consigo pensar em vários personagens do Stephen King que caberiam nessa categoria. Amargos, difíceis de ler, meio misteriosos.

19. Um(a) personagem que, se fosse uma música, seria alguma da Lady Gaga?

JANA: Duasflor, também de Discworld — podem me cancelar, mas não conheço nada da Lady Gaga e uma amiga me descreveu as músicas dela como algo “muito experimental e disruptivo, moderno, visualmente interessante, ‘I was born this way’” (obrigada, Fer!). Qualquer incongruência, favor reclamar com ela.

20. Anitta está com um(a) novo(a) namorado(a): quem é o personagem?

JANA: Batman? Ricaço bonitão & potencialmente Bolsominion?

21. Um livro que você acha que poderia ter páginas a menos?

JANA: Eu amo Crônicas de Gelo e Fogo, mas meu lado editor me impede de não mencionar essa série infinita.

22. Um livro que você acha que poderia ter páginas a mais?

JANA: O auto da Maga Josefa, da Paola Siviero. Podia ser uma série de livros, inclusive.

23. Um livro que você acha que é um desperdício de árvore?

JANA: Posso repetir A cabana?

24. Viagens interplanetárias são uma realidade: qual autor(a) você levaria para uma viagem para Saturno?:

JANA: Becky Chambers. Ela com certeza ia conhecer os melhores points da viagem.

25. Viagens no tempo são uma realidade: qual autor(a) você gostaria de entrevistar?

JANA: Emília Freitas, que escreveu uma das primeiras fantasias do Brasil em 1889.

26. Qual escritor(a) você escolheria para orientá-la na escrita do seu próximo romance?

JANA: Pode viajar no tempo ainda, né?

Ursula K. LeGuin.

27. Seu romance foi um sucesso de vendas, seu livro foi adaptado para o cinema: quem é a(o) diretor(a)?

JANA: Guillermo del Toro, imagina?

28. Foi você mesma quem adaptou o livro e acabou de ganhar o Oscar. Discurse:

JANA: Eu queria começar mandando um beijo pra minha mãe, pro meu pai, pra minha irmã, pra Xuxa e pra Sasha. Também quero mandar um abraço pra todas as pessoas guerreiras que encaram a pedreira de fazer arte e trabalhar com livros nesse país. Aliás, já que toquei no assunto: fora, Bolsonaro! (P.S.: Estou considerando que ganhei o Oscar de 2021. Depois de 2022 espero que esse maldito já esteja longe da presidência.)

29. Nós já estabelecemos que há viagens no tempo: qual escritor(a) foi chamado(a) para entregar seu Oscar?

JANA: Ursula K. LeGuin, minha então orientadora maravilhosa (que nos meus sonhos também ia me emprestar o escritório dela com vista para o bosque).

30. Viagens no tempo são complicadas porque a tecnologia ainda é recente e falhas acontecem: há cinco escritores de tempos diferentes na plateia:

JANA: Mary Shelley, Emília Freitas, Octavia Butler, Paola Siviero (ai dela se não estiver!) e Tainá Boaventura — autora brasileira que vai ser conhecida por ganhar os Prêmios Argos, Hugo, Nebula e Locus em 2.087, caso não saibam.

31. Há vida em Saturno, descobrimos recentemente. Inclusive, são seres muito cultos. Qual o título do livro mais vendido em Saturno no ano passado?

JANA: Homens são de Marte, mulheres são de Vênus — Um tratado sobre seres humanos, que por alguma razão acham uma boa ideia dividir as pessoas em gêneros de acordo com seus genitais.

32. Um dos escritores de Saturno se inspira muito na literatura brasileira. Inclusive, seu escritor preferido é...?

JANA: Machado de Assis. O primeiro livro dele é dedicado “ao parskalk que primeiro roeu os tentáculos do meu cadáver”.

33. Três escritores entram um bar em Saturno. Em 5 minutos, dois começam uma briga e um tenta separar: quem são?

JANA: Douglas Adams, Philip K. Dick (estou contanto com a viagem no tempo pra esses dois espero que possa) e Felipe Castilho. Os dois primeiros começam a treta, e o Castilho tenta separar porque ele é um dos caras mais legais do mundo. Digo, do universo.

34. Qual foi o motivo da briga?

JANA: Pra ver quem ia pedir autógrafo primeiro pro Castilho (que é uma grande celebridade em Saturno).

35. O título do seu próximo romance é a mistura dos títulos dos seus três livros preferidos. Qual é o título?

JANA: Uma longa viagem a uma história azul e sem fim.

36. Em Saturno, há uma religião em que se adora os lobisomens. Qual o nome da bíblia dessa religião?

JANA: O Livro do Apocauuuuuuuuulipse.

37. Primeiras frases são muito importantes para um livro. Quase todo mundo tem uma primeira frase favorita. Escreva a sua na língua do P.

JANA: Para a alegria do escritor venusiano, amo “p-ao p-ver/p-me p-que p-pri/p-mei/p-ro p-ro/p-eu p-as p-fri/p-as p-car/p-nes p-do p-meu p-ca/p-dá/p-ver p-de/p-di/p-co p-co/p-mo p-sal/p-do/p-sa p-lem/p-bran/p-ça p-es/p-tas p-me/p-mó/p-ri/p-as p-pós/p-tu/p-mas”.

38. Infelizmente, Saturno se chocou com a Terra em 2021. Mas como você é uma viajante do tempo, você poderá salvar cinco livros e levá-los para Vênus. Quais são os livros?

JANA: Uma longa viagem a um pequeno planeta hostil, Neon Azul, História sem fim, Duna e o meu manuscrito (vamos fazer pensamento positivo e considerar que até 2021 — fim de 2021, que fique claro — eu vou ter um).

39. Ops, aconteceu um probleminha quando você foi tentar salvar os livros e acabou ficando presa em um deles. Qual é o livro em que você ficará presa para sempre?

JANA: *Uma longa viagem a um pequeno planeta hostil*. De preferência junto com a tripulação da Andarilha.

40. Você conseguiu escapar do livro, mas a máquina do tempo estragou e você não conseguirá sair da Terra antes da colisão com Saturno: qual será o último livro que você vai ler?

JANA: Tem que ser entre os cinco, né? Então vou ficar com A história sem fim — uma porque é uma história que me lembra da infância, e outra porque ia ser poético ver tudo acabar lendo um livro com esse título. .

Jana Bianchi é escritora, tradutora de livros, quadrinhos, RPGs e jogos de tabuleiro, editora-chefe da Revista Mafagafo, cohostess do podcast Curta Ficção e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela Lobo de Rua (2016, Dame Blanche) e contos em antologias e revistas como Aqui quem fala é da Terra (2018, Plutão Livros), Trasgo, Somnium e Dragão Brasil. No mercado anglófono de fantasia e ficção científica, já publicou não-ficção na revista Strange Horizons e seu primeiro texto de ficção sai ainda em 2020 na revista Clarkesworld. Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como [@janapbianchi](https://www.instagram.com/janapbianchi).

XL. SENECA

LUCIUS ANNAEUS SENECA

LUCILIO SUO

SALUTEM

Quod frequenter mihi scribis gratias ago; nam quo uno modo potes te mihi ostendis. Numquam epistulam tuam accipio ut non protinus una simus. Si imagines nobis amicorum absentium iucundae sunt, quae memoriam renovant et desiderium [absentiae] falso atque inani solacio levant, quanto iucundiores sunt litterae, quae vera amici absentis vestigia, veras notas afferunt? Nam quod in conspectu dulcissimum est, id amici manus epistulae impressa praestat, agnoscere.

Audisse te scribis Serapionem philosophum, cum istuc applicuisset: 'solet magno cursu verba convellere, quae non effundit +ima+ sed premit et urguet; plura enim veniunt quam quibus vox una sufficiat'. Hoc non probo in philosopho, cuius pronuntiatio quoque, sicut vita, debet esse composita; nihil autem ordinatum est quod praecipitatur et properat. Itaque oratio illa apud Homerum concitata et sine intermissione in morem nivis superveniens oratori data est, lenis et melle dulcior seni profluit. Sic itaque habe: [ut] istam vim dicendi rapidam atque abundantem aptiorem esse circulanti quam agenti rem magnam ac seriam docentique. Aequae stillare illum nolo quam currere; nec extendat aures nec obruat. Nam illa quoque inopia et exilitas minus intentum auditorem habet taedio interruptae tarditatis; facilius tamen insidit quod exspectatur quam quod praetervolat. Venique tradere homines discipulis praecepta dicuntur: non traditur quod fugit. Adice nunc quod quae veritati operam dat oratio incomposita esse debet et simplex: haec popularis nihil habet veri. Movere vult turbam et inconsultas aures impetu rapere, tractandam se non praebet, aufertur: quomodo autem regere potest quae regi non potest? Quid quod haec oratio quae sanandis mentibus adhibetur descendere in nos debet? remedia non prosunt nisi immorantur. Multum praeterea habet inanitatis et vani, plus sonat quam valet. Lenienda sunt quae me exterrent, compescenda quae irritant, discutienda quae fallunt, inhibenda luxuria, corripienda avaritia: quid horum raptim potest fieri? quis medicus aegros in transitu curat? Quid quod ne voluptatem quidem ullam habet talis verborum sine dilectu ruentium strepitus? Sed ut pleraque quae fieri posse posse non crederes cognovisse satis est, ita istos qui verba exercuerunt abunde est semel audisse. Quid enim quis discere, quid imitari velit? quid de eorum animo iudicet

quorum oratio perturbata et immissa est nec potest reprimi? Quemadmodum per proclive currentium non ubi visum est gradus sistitur, sed incitato corporis ponderi servit ac longius quam voluit effertur, sic ista dicendi celeritas nec in sua potestate est nec satis decora philosophiae, quae ponere debet verba, non proicere, et pedetemptim procedere. 'Quid ergo? non aliquando et insurget?' Quidni? sed salva dignitate morum, quam violenta ista et nimia vis exuit. Habeat vires magnas, moderatas tamen; perennis sit unda, non torrens. Vix oratori permiserim talem dicendi velocitatem inrevocabilem ac sine lege vadentem: quemadmodum enim iudex subsequi poterit aliquando etiam imperitus et rudis? Tum quoque, cum illum aut ostentatio abstulerit aut affectus impotens sui, tantum festinet atque ingerat quantum aures pati possunt.

Recte ergo facies si non audieris istos qui quantum dicant, non quemadmodum quaerunt, et ipse malueris, si necesse est, vel P. Vinicius dicere qui itaque. Cum quaereretur quomodo P. Vinicius diceret, Asellius ait 'tractim'. Nam Geminus Varius ait, 'quomodo istum disertum dicatis nescio: tria verba non potest iungere'. Quidni malis tu sic dicere quomodo Vinicius? Aliquis tam insulsus intervenerit quam qui illi singula verba vellenti, tamquam dictaret, non diceret, ait 'dic, numquam dicas?' Nam Q. Hateri cursum, suis temporibus oratoris celeberrimi, longe abesse ab homine sano volo: numquam dubitavit, numquam intermisit; semel incipiebat, semel desinebat.

Quaedam tamen et nationibus puto magis aut minus convenire. In Graecis hanc licentiam tuleris: nos etiam cum scribimus interpungere assuevimus. Cicero quoque noster, a quo Romana eloquentia exsiluit, gradarius fuit. Romanus sermo magis se circumspicit et aestimat praebetque aestimandum. Fabianus, vir egregius et vita et scientia et, quod post ista est, eloquentia quoque, disputabat expedite magis quam concitate, ut posses dicere facilitatem esse illam, non celeritatem. Hanc ego in viro sapiente recipio, non exigo; ut oratio eius sine impedimento exeat, proferatur tamen malo quam profluat. Eo autem magis te deterreo ab isto morbo quod non potest tibi ista res contingere aliter quam si te pudere desierit: perfrices frontem oportet et te ipse non audias; multa enim inobservatus ille cursus feret quae reprehendere velis. Non potest, inquam, tibi contingere res ista salva verecundia. Praeterea exercitatione opus est cotidiana et a rebus studium transferendum est ad verba. Haec autem etiam si aderunt et poterunt sine ullo tuo labore decurrere, tamen temperanda sunt; nam quemadmodum sapienti viro incessus modestior convenit, ita oratio pressa, non audax. Summa ergo summarum haec erit: tardilocum esse te iubeo. Vale.

The suicide of Seneca (detalhe), Manuel Domínguez Sánchez, 1871)



O RGP DE FULANO JOSÉ DA INDIGÊNCIA

ROBERTO VICTOR

Estava muito escuro. Foi então que ele viu a luz, depois nada por horas e horas. Acordou no chão de uma repartição com as batidas irritantes na máquina de escrever. Estupefato, olhou meio abobado para a rosada face da velha senhora gorda que fumava como uma locomotiva e gritou:

– Dá para parar!?

– Claro que dá, já estou tentando a um tempão, mas sabe como é esse negócio de fumar não é? O senhor não gosta da fumaça?

– Fumaça? Não, não estou falando desse cigarro idiota... Essa máquina de escrever me dá nos nervos!

– E o que supõe que eu deva usar para escrever o RGP? Um computador?

– Claro, um computador seria ótimo. Ninguém mais usa máquina de escrever.

– Sinceramente! O senhor deve ter batido forte com a cabeça. Vou colocar isso no RGP. Depois dá algum problema e dizem “foi a gordinha da recepção que não escreve nada direito”.

– A senhora me parece ser muito simpática e tudo o mais, mas definitivamente não bate bem das bolas. Por onde é que eu saio?

– Hahaha! Sair... Já faz um tempo que ninguém me pergunta onde é a saída. Olha senhor, o senhor me parece ser muito simpático e tudo o mais, mas definitivamente não bate bem das bolas.

– Tudo bem, tudo bem. Hoje quando eu acordei, prometi a mim mesmo que nada iria me irritar. É meu aniversário, eu só quero sair daqui e voltar pra casa pra comer meu bolo de chocolate da festa surpresa que o pessoal está fazendo pra mim.



St Gregory dictating his homilies, Carle Van Loo, s. XVIII

- Sempre tem algum idiota que deixa escapar a festa surpresa não é?
- É sim, mas não mude de assunto. Cara senhora... Como é mesmo seu nome?
- É Senhora.
- Senhora? Como assim Senhora?
- Ah, isso é uma confusão muito comum. Não é senhora com “N” é Senhora, com “M”. Coisa da minha mãe. Diz a lenda que quando nasci, nasci um mês adiantada. Minha vó foi ver minha mãe ainda na maternidade e disse “Que menina mais sem hora”, depois ficou fazendo cócegas e dizendo “sem hora”, “sem hora”, “sem hora”... Sabe como é né? Minha mãe achou o som interessante e fiquei sendo Senhora. Não sei se essa história é verdadeira, mas era a que mamãe sempre me contou. Ah minha mãe! Que saudade. Faz séculos que não a vejo. Está no andar de cima! - disse apontando com o dedo para cima.
- É uma história comovente. Sinto por sua mãe.
- Não, não sinta. Lá em cima é bem melhor. Ganha-se muito mais que aqui. Ela está no 40º andar e agora é editora da segunda melhor revista do universo: Himmel.
- Desculpe senhora, não sei se a entendi bem, ela morreu ou trabalha com maquiagem?
- Não, não. É alemão... Ela está bem, eu é que sou muito apegada às lembranças da minha vida.
- Ok, senhora Senhora, tudo bem. A senhora, com toda sua doçura e simpatia pode me informar onde é a saída? Não vejo porta nenhuma.
- Iiiii, o senhor não sabe mesmo o que aconteceu não é?
- Claro que eu sei, estou num escritório estúpido com uma velha balofa irritante que não consegue parar de escrever numa máquina que não se usa mais há 15 anos.

Como um gorila enfurecido pulou em cima da mesa da senhora e chutou sua máquina que caiu no chão com um estrondo.

- Olha, senhor, devido à gravidade dos acontecimentos não vou repreendê-lo, mas que isso não se repita. Vou ter de refazer todo o RGP e o senhor não faz ideia do trabalho que dá.

Em seu íntimo acendeu-se a chama do ódio da irritação e só não disse todos os palavrões que pensou porque lembrou dos tapas que sua mãe lhe dera na boca quando era garoto. Contou até 10 umas 10 vezes até conseguir se acalmar. Pensou em cada palavra que diria a amável excêntrica senhora para que ela lhe revelasse o que estava acontecendo sem iniciar uma conversa mole sem sentido. Depois de um exílio mental de alguns minutos, voltou a si e disse:

- Desculpe se fui rude e a ofendi, Senhora, mas poderia me dizer exatamente o que é tudo isso aqui? Esse escritório sem janelas e portas, essa máquina de escrever e principalmente, onde eu fui incluído nisso.
- Bem senhor...
- Não, não precisa dizer mais nada. Estou sonhando, é lógico. Isso tudo é muito insólito para ser real.

Beliscou-se. Estapeou-se. Gritou-se. Até arriscou uma cambalhota. Pensou em ligar para casa, mas a repartição não tinha telefone.

– Tudo bem dona Senhora, desisto. Dê a sua versão dos fatos.
– Bem Sr. Fulano da Indigência, vou ser o mais clara possível.
– Prefiro “Fulano José”.
– O senhor, caiu aqui ontem e ficou ai apagado até agora. Quando cai alguém aqui eu faço o RGP e encaminho a pessoa para o portão. O problema é que demora uma eternidade para fazer um RGP e o senhor acabou de destruir o seu (e a máquina que uso), portanto vai ter que esperar eu mandar esse ofício solicitando outra máquina... E pela minha experiência sei que isso pode demorar de duas a três eternidades. Então acalme-se e espere. Será que fui clara?

– Nenhum pouco. O que é um RGP?
– Era só o que faltava. O Senhor nem deve ter lido o MPM, não é!
– Na verdade eu não tenho um MPM... O que é um MPM?
– Olha, toma aqui o meu. Essa é um das primeiras edições do MPM, olha só, tá até autografado pelo autor. Pode ler tranquilo. Aí tem explicação sobre o RGP, o MPM e um monte de outras informações úteis.

– Certo, vamos ver.

Começou a ler. Era um livro de umas 500 páginas, amarelado, capa dura surrada de uma cor verde. Na primeira página um autógrafo que dizia: “Para minha querida amiga Horinha, com todo meu carinho. Um beijo do seu amigo AOPF”

– Quem é esse AOPF? Isso nem é um nome!
– Olha, ele escreveu o MPM, fundou esta instituição bilénar e que também vai julgar seu caso em última instância.
– Caso? E desde quando eu tenho um caso para ser julgado?
– Senhor, leia o MPM. Já volto.

Ela entrou por uma porta de uns dos armários da repartição e no mesmo instante saiu com uma máquina nova. Recomeçou o RGP. Enquanto datilografava, Fulano José lia o MPM com afinco, de forma que em pouco tempo terminou. Assim, que virou a última página e a capa, Fulano José se esqueceu de tudo o que tinha lido.

– Senhora, terminei mas não lembro.
– Como não lembra? Bem que eu vi que havia alguma coisa errada. O último que não lembrou do MPM foi devolvido.

– Devolvido?
– É que às vezes o cidadão chega aqui com defeito ou, melhor dizendo, simplesmente não deveria estar aqui. Nesses casos, para não haver falhas de segurança, o MPM não se deixa ser lembrado.

– Devolvido?
– Tem certeza que não se lembra de nada escrito no MPM? Tenta ler o prólogo e vê se entende alguma coisa.

Leu todo o prólogo. 13 páginas. E se voltou para a senhora:

– Pronto. Li. 13 páginas.
– E entendeu? De que parte o senhor se lembra?

– Entender eu sei que entendi, mas só me lembro que tem 13 páginas.

– Vou ter que ligar para a manutenção.

Ao contrário do que Fulano José pensava, havia um telefone na repartição. Estava escondido dentro da gaveta da senhora. Ao ver que ela tentava ligar ele pulou por sobre o balcão e tomou o telefone de suas mãos e gritou:

– Primeiro vou ligar para minha esposa e depois ligo para a polícia. A senhora é uma desajustada. Me mantém encarcerado e fica despistando com essa conversa de maluco! Ah, mas vai ver. Quando a polícia entrar por aquela porta, a senhora vai ver.

Senhora pensou em reagir mas, experiente com os surtados, decidiu esperar que Fulano se acalmasse. Ele por sua vez foi discar o número e notou algo estranho. O teclado só tinha um número. O sete. Espantou-se, mesmo assim discou e levou o fone ao ouvido. No outro lado atendeu a secretária eletrônica:

– Você ligou para a portaria. Sua ligação é muito importante para nós. Por favor aguarde. Para falar com um de nossos atendentes digite sete, para outras informações digite setenta vezes sete.

Apertou o sete e esperou. Senhora acendeu um cigarro e começou a dar suas baforadas calma e silenciosa. Uma eternidade mais tarde atenderam:

– Portaria. Pedro falando, posso ajudá-lo.

– Sim, Pedro, meu nome é Fulano e eu gostaria de sair daqui.

– Por favor, aguarde... Senhor Fulano, qual seu sobrenome?

– O nome completo é Fulano José da Indigência.

– Por favor, aguarde... Só mais um segundo senhor.

– Ai meu Deus!

– Senhor Fulano, seu nome não consta nos registros. Pedimos por gentileza que se dirija ao setor de registros, lá o senhor vai estar falando com uma simpática senhora chamada Senhora e poderá estar tirando seu RGP. De posse do número o senhor vai nos ligar novamente e então estaremos resolvendo seu problema o mais rapidamente possível. Mais alguma dúvida?

– Na verdade, sim. Eu já estou com a senhora Senhora, mas ela não me explica nada direito.

– Senhor, para explicações o senhor deverá estar ligando para o número sete e no menu inicial digitar setenta vezes sete para acessar o menu Outras Informações. Mais alguma dúvida?

– Sim. Como eu saio daqui?

– Senhor, aqui é da portaria. Aqui nós abrimos e fechamos a porta para as pessoas entrarem e muito raramente saírem. Geralmente quando entram não saem, mas se saem vão para baixo com os que nem entraram. E isso tudo só se seus nomes estiverem nos registros. Como seu nome não consta nos registros há três explicações possíveis: 1. Por alguma razão o registro ainda não foi feito; 2. O seu nome não entrou na lista dessa portaria e se encontra na portaria seis. Nesse caso o senhor deverá procurar um telefone vermelho com a tecla 6 e discar três vezes seis; e 3. O senhor apresentou defeito e terá que

devolvido. Mais alguma dúvida?

– Devolvido? Você também?

Vendo o aperto de Fulano, Senhora decidiu agir e pediu para falar com Pedro. Fulano confuso, enfurecido e já desconsolado concordou. Pulou o balcão pra fora e ouviu atentamente.

– Pedro? Oi, é a Horinha. Tudo bem?

– Tudo bem. Pouco movimento hoje. Pensei ter visto sua mãe, mas era uma senhora argentina que veio pedir informações. E você, em que você se meteu dessa vez?

– Nada. O dia começou até bem. Depois o moço aqui acordou confuso. Ficou bravo. Quebrou minha máquina...

– Mais uma? É a terceira só nessa década.

– Que culpa eu tenho se os mais nervosinhos sempre vem pra cá? Continuando, depois ele disse que não tinha lido o MPM, então eu emprestei o meu, ele leu mas não se lembrava e aí concluí que estava com defeito.

– Parece ser defeito mesmo. Devem ter adiantado a convocação por engano. Isso tem acontecido com uma certa frequência desde que contrataram aquele estagiário novo. Como é mesmo o nome dele?

– Acho que é Musalém ou alguma coisa assim. Aquele rapaz só cria problemas.

– Olha Horinha, vou te fazer um favor. Vou ligar pro Jibrail e pedir pra ele ir até ai te ajudar. Se ele ver que é defeito mesmo, devolve o cara e pronto.

– Certo, vou terminar o RGP e fazer as observações até o Jibra chegar. Será que precisa de assinatura da chefia?

– Se for pra devolver não. Basta o carimbo. Você mesma pode assinar. Mais alguma dúvida senhora?

– Ah?

– Desculpa, força do hábito. Até a confraternização no final do quinquênio.

Mal desligou, uma fresta de luz começou abrir na parede bem do lado do armário da repartição. Era um elevador. Quem saiu dele foi Jibrail. Era um homenzarrão caucasiano, cara sisuda, de terno cor de creme e camisa prateada por baixo do paletó que lembravam lantejoulas. Era levemente coxo e usava uma bengala que mais parecia uma espada. Olhou para Senhora e falou:

– Como vai minha querida? Acho que a última vez que te vi foi há uns 100 anos atrás. Está maravilhosa como sempre.

– E você continua um anjo, galanteador e lindo! E exagerado... Não fazem nem 30 anos.

– Claro, claro. Esse aí é o fulano defeituoso?

– É. O Pedro acha que ele foi convocado por engano.

– Tá com problemas mesmo. Olha bem nos olhos dele. Viu como estão brilhantes? Não era para estar aqui. Além do mais, não abrimos vaga hoje.

– Então vamos devolver?

– Vamos sim. Já terminou o RGP?

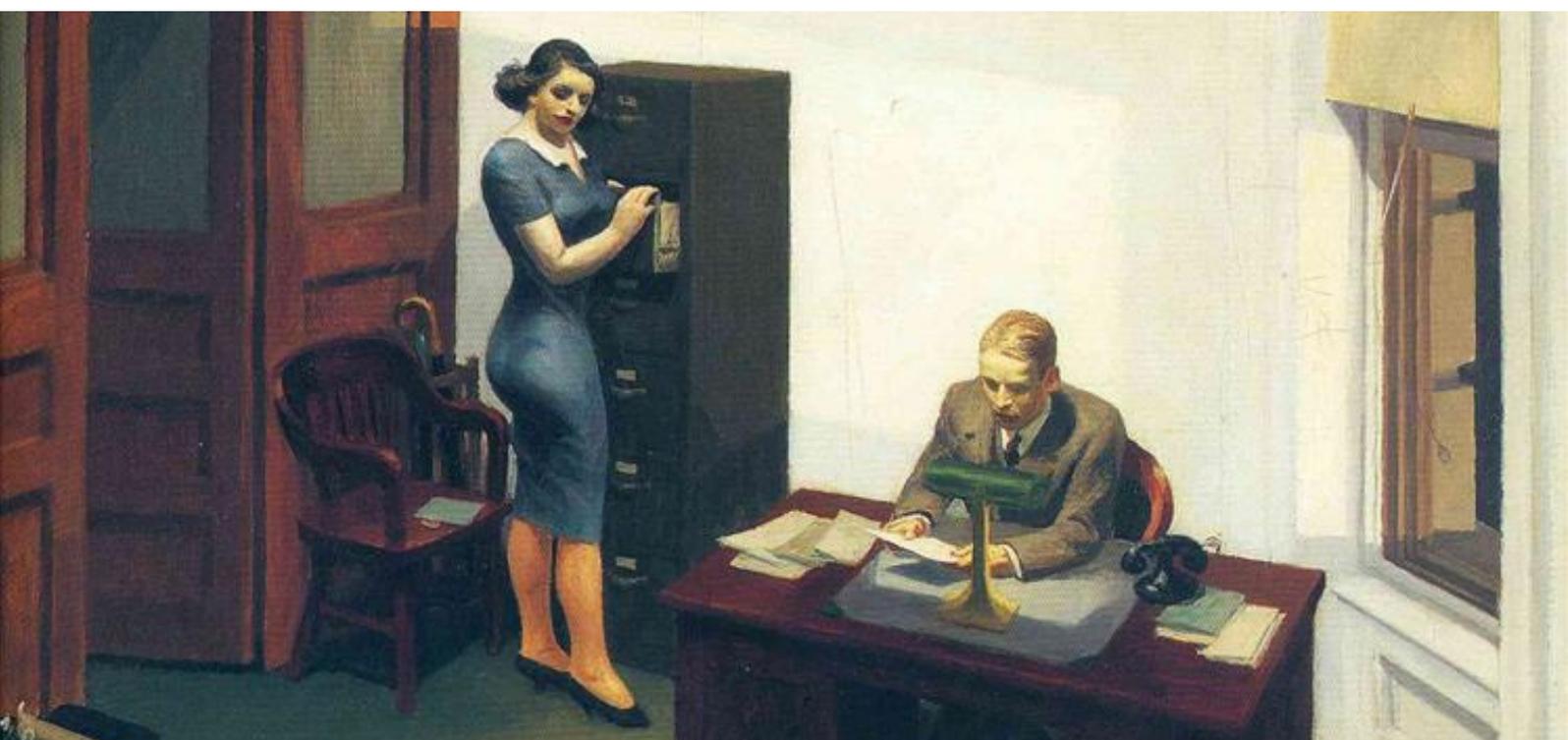
– Terminei. Carimbado e pronto.

- Jibraíl se voltou para Fulano José com o RGP na mão, olhou bem nos olhos dele e disse:
- Tome aqui seu documento. Não perca, vai precisar dele quando voltar.
 - Obrig...

Não teve tempo para agradecer. O homenzarrão deu-lhe com a bengala na cabeça e zapt, num segundo tudo ficou escuro e no outro estava acordando numa cama estranha. Parecia um hospital. Sua mulher estava do lado e falou:

– Graças a Deus você acordou!!! Faz quarenta dias e quarenta noites que você está nesta cama. Todos pensaram que você ia ficar em coma pra sempre ou pior que não aguentava mais uma semana. Fica quietinho e não se mexe que vou chamar alguém.

Apesar da cabeça doendo, ficou felicíssimo ao acordar e perceber que estava sonhando. Começou a se apalpar para ver se estava tudo bem e em cima do peito achou um papel datilografado que dizia:

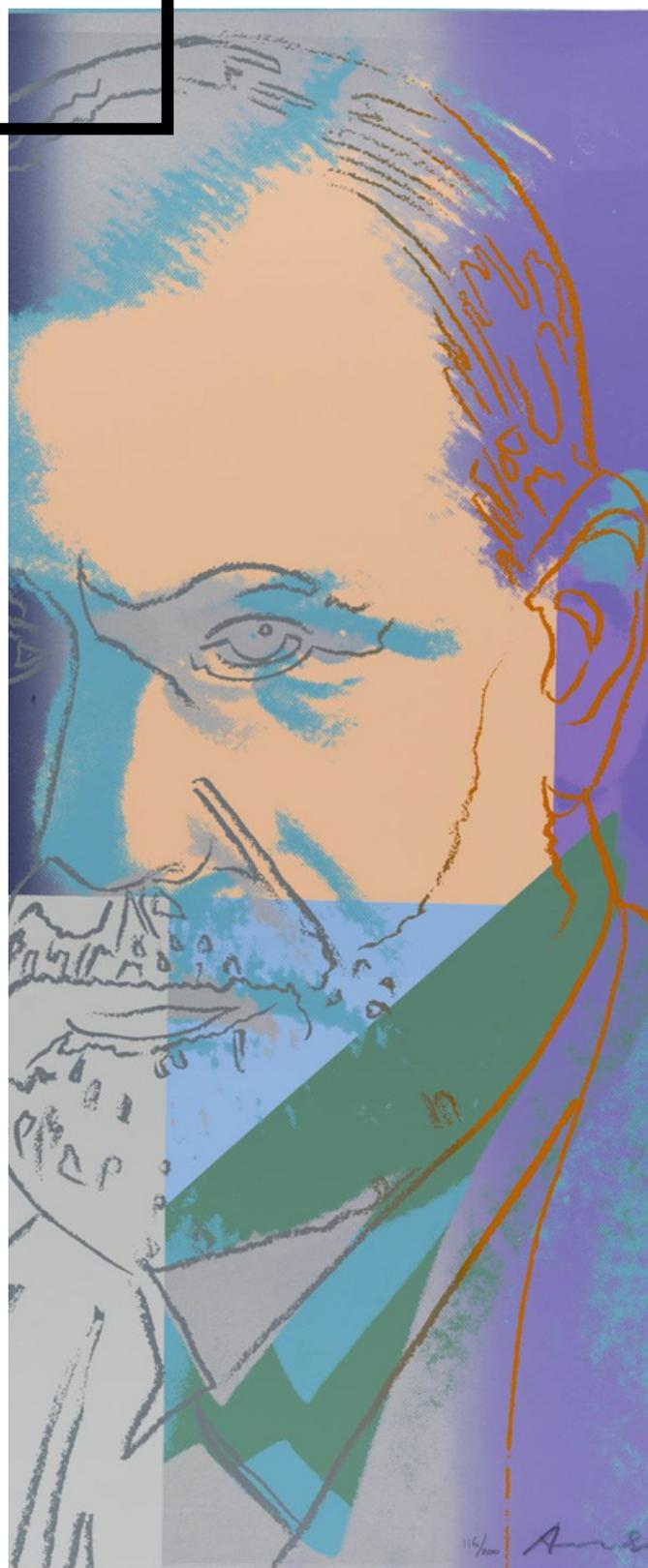


Office at Night, Edward Hopper, 1940

40 MINUTOS DE TERAPIA

CAROLINA FREITAS

- Me escuta agora, Júlia? Alô?
- CARALHO SIM! ALELUIA, SENHOR!
- Ótimo! Como se sente?
- Ansiosa pra cacete.
- Certo, podemos iniciar com um exercício de relaxamento
- Não... Já perdi 40 minutos. Preciso falar!!!!
- Tudo bem, pode começar
- Eu tive um sonho. Posso contar sonhos?
- Claro
- Você vai analisar?
- Se você estiver confortável com isso
- Certo, era assim... Tava andando, né? Preciso descrever como era?
- Conte como sentir confortável
- Eu tava andando... Aí tipo, perto da igreja tavam construindo não um, mas dois prédios. Ali só tem casa, sabe?
- Sei...
- E o pior... Eram prédios verde-musgo. Um horror a cor! E fica pior, tá me ouvindo?
- Estou sim
- OS PRÉDIOS ERAM ESPELHADOS
- Vish...
- SIM! Eu odeio prédio espelhado com a minha alma. Entrei em urbanismo para combater tal horror. Mas acho que sonhei com isso por estar ouvindo muito Nação Zumbi. Você gosta do Chico?
- Faz tempo que não escuto.
- Ah então, a ideia da cidade que tá crescendo demais, sabe? Eu odeio muito prédio espelhado.
- Compreendo.
- Só que aí eu tava sem máscara e ouço uma voz



Sigmund Freud (detalhe), Andy Warhol, 1980

conhecida “Júliaa” quando eu olho é o Gustavo. Aquele menino que to flertando. Nossa... Ele é incrível.

- Gustavo é o...

- O que faz design de interiores

- Certo... Gustavo.

- O Gustavo é muito inteligente... Ele é tão divertido. Tão bonito!! Nossa o Gustavo nem tenho coragem de fazer chamada de vídeo com ele que fico zozza. Mas às vezes fazendo. Sexo virtual, sabe? É bem legal. Você é contra sexo virtual?

- Não tenho por que ser contra.

- Ah melhor... Eu faço às vezes com o Gus. E com o Rodrigo. Confesso que prefiro o Gustavo.

-Me parece saudável.

-É sim... Então, voltando ao sonho o Gus veio me abraçar e apertou meus peitos

-Hm.

- E assim... Ele ficou pegando nos meus peitos... Nisso ele se animou, pegou mais embaixo e eu o arrastei para uma igreja que tinha naquela esquina.

- Júlia?

- E a gente ficou se pegando ali no cantinho da igreja. Nossa como eu queria ele metendo daquele jeito em mim. Em pé. Com risco de um padre nos flagrar... porra.

- Júlia?

- Aí eu acordei, tava toda molhada. Peguei o celular e tinha mensagem do Gustavo e do Rodrigo. Fiquei nervosa, o Gus nunca me manda.

- Júlia?

- O Rodrigo queria saber da prova que teríamos. O Gus... Ele mandou um “Oi, lindinha, tudo bem? Quería conversar com você”.

- JÚLIA!

- Oi?

-Falta um minuto para as 16. Eu realmente preciso finalizar a sessão.

-Mas eu nem cheguei no ponto que precisava.

-Desculpa, eu realmente preciso finalizar. É algo muito urgente? Você pode me enviar por mensagem. Caso não seja podemos trabalhar na próxima sessão.

-Não, não fica para a próxima então

-Tudo bem. Nos vemos na próxima terça?

-Sim, sim. Espero que com uma internet melhor.

-Também espero. Até!

-Até.

A ENCOMENDA

MILA OLIVEIRA

Tem encomenda para senhora - disse seu João na portaria. Fiquei intrigada, não estava esperando nada. Mas estava ocupada demais, repassando mentalmente os próximos passos que vem depois da chegada do supermercado. Com um sorriso, seu João disse “não demora não, que ela tá sofrendo.” Achei que ele tava criando um certo afeto por encomendas. Com o quadril mesmo, segurei a porta do elevador enquanto deixava as compras na porta de casa. “Deixa eu descer logo e trago tudo de vez”, pensei.

Quando seu João foi ao meu encontro, com aquele buquê enorme na mão, achei que estava esvaziando a portaria para chegar até minha caixa, fiquei esperando que ele fosse buscar a tal encomenda que era para mim. Mas não, seu João ficou parado com os braços um pouco esticados, pensei por um minuto “será que ele diminuiu ou esse buquê é estupidamente grande?” Ainda com os braços esticados na minha direção, deu uma balançadinha que fez correr uma das gotículas que repousava no lírio: Toma! É da senhora. Chegou hoje, logo quando a senhora saiu.

Dei uma respirada dessas que levanta os ombros e abaixa um pouco a cabeça, seu João deve ter entendido nada. Agradei com a boca quase fechada, tomei delicadamente, como quem segura algo que não é seu, e voltei pra casa. Enquanto esperava o elevador, eu contei quarenta flores. Gérberas, crisântemos, muitas astromélias que não faziam ideia do que estavam fazendo ali. Quarenta flores perfeitamente arrumadas e eu as encarava desconfiada, sabia que era o seu nome que estava dentro daquele envelope pequeno que pendia ao lado das margaridas brancas. Não me pergunte que tipo de pessoa conta as flores quando elas chegam. Sei que, normalmente, olham as cores, cheiram os perfumes, puxam da memória “como é mesmo o nome dessa aqui? Tinha na casa da minha avó”(outro bom momento da voz da personagem) Mas eu contei. Quarenta flores que eu ia deixar que entrassem na minha casa sem serem convidadas. E só poderiam ter vindo dele, só por isso, eu tinha um motivo para desconfiar delas.

Finalmente em casa, pus o arranjo sobre a mesa e o encarava. Eu nunca pedi flores. Você saberia que eu nem gosto de flores, se um dia tivesse se importado com qualquer coisa que eu gosto. Muito provavelmente, você pensou “mas quem não gosta de flores?” E eu que te conheço posso revidar prontamente: você também não gosta. Como não gostou de mim, como nem sabe do que verdadeiramente gosta. Eu nunca te pedi flores, ainda mais esse tanto. Provavelmente você saberia se tivesse, por um minuto, se atentado a todas as coisas que eu te pedi, que nenhuma delas tinha menção a algo assim em volta dos quarenta. O que eu queria era muito pouco. Eu nunca achei que fosse merecedora de nada abundante, mesmo. Quarenta! Que número mais absurdo quando se trata de um buquê.

Esse tanto nem combina com minha casa que é pequenininha, minha casa que encolheu quando você foi embora, uma casa que foi inflada, na marra, para parecer maior, esvaziada de mim para ficar mais ampla, uma casa em que você fazia sempre questão de parecer sufocado, apertado. Como as margaridas vermelhas amassadas no meio desse buquê. Afinal, são muitas juntas, quarenta flores que simbolizam que você não vai deixar que eu te esqueça, mesmo eu tentando. Nem que seja por uns dias, elas roubarão para si, com seu colorido, toda a atenção. Eu ainda nem abri o envelope. Sei que vai ter algum pedido de desculpa, uma repetição do que está em todas as mensagens que me mandou em todas as redes sociais sempre que eu recusei te ver. Não poderei me furtar de ver esse tanto de cor junta, que irá murchar em poucos dias, mas que enquanto isso vai me afetar um bocado. Você não tinha o direito de me fazer querer me livrar de algo tão bom quanto um buquê com quarenta flores.

Você nem era assim tão colorido, nem tão bonito, mas quando eu quis me livrar de você, todos me olharam com um que de “como pode?”. O pouco que você me deu, parecia muito, eu fazia parecer muito, como se eu estivesse de barriga cheia e na verdade tinha ela roncando. O pouco que eu recebia, parecia a todos suficiente. Para que eu precisaria de quarenta flores se a ideia de que “ele poderia me dar uma flor, sim, se eu quisesse” já era suficiente? E por isso você nunca me deu nada além do que eu expressamente pedi. Agora não sei o que fazer com esse tanto de coisa que nunca foi pedido meu, mas que mesmo



Roses With Red Chair, Horace Pippin, 1940

assim você deu. Quase como uma teimosia, uma pirraça.

Eu não quero sentir como se tivesse abrindo a guarda para você ocupar minha sala com quarenta flores coloridas, já foi difícil o suficiente tirar seu cheiro daqui, encher a casa do que não era seu, para fazer você desocupar o lugar central que agora esse buquê ocupa. Vou por elas para fora, como eu não fiz com você, te dando a chance de sair você, sozinho, sem se preocupar com quem ficava. Será que a coleta de lixo já passou? Afinal, amanhã é domingo, vai pegar nem bem ficar com esse buquê aí na porta, os vizinhos vão pensar "que tipo de pessoa joga fora algo tão bonito".

Bem, você me jogou fora antes, mas isso eles não sabem e eu não pareço tão vistosa quanto esse lírio branco. Mas eu posso e vou jogar fora, vou nem abrir esse envelope. Então, o interfone toca. Fico um pouco gelada, será você, já querendo saber uma resposta, o que eu teria a dizer depois de um gesto desse.

Antes mesmo de elaborar esse pavor desejoso que me surgiu, ouço a voz de seu João do outro lado da linha: Dona Camila, a senhora me desculpe. Ai, tô até escabriado, mas... Sabe as flores? Não eram pra senhora, não. Eu posso subir para buscar? É de dona Mila do 204, sabe? A da cadeira de rodas? A senhora me desculpe, viu, dona Camila, é que umas flores bonitas assim, pensei que era flor de namorado, não imaginei que pudesse ser de dona Mila, pensei logo na senhora. Me desculpe viu? Vou aí buscar agora. Me desculpe.



Garden Flowers, After Chen Chun, 1540

ACEITA UM BOLO?

MARCELA ORTOLAN

Ele havia saído cedo para levar o carro na oficina. O motor apresentava sinais de falha há algum tempo e, no dia anterior, o carro quase não havia ligado. Quando voltou estava com as faces vermelhas e os olhos errantes. O mecânico havia dito que o conserto sairia por um preço muito caro. Era um valor daqueles que faz pensar em talvez comprar um carro novo.

- Aquele mecânico desgraçado vai ver só! Onde já se viu um preço desses! Desgraçado!
- O que houve?
- Esse desgraçado cobrando esse preço? Como vou trabalhar agora? Você sabe que não dá pra ir de ônibus visitar os clientes com esses mostruários.
- E se a gente tentasse outra oficina? Posso pedir algumas indicações, a gente faz outros orçamentos e...
- Você não me entende! Aquele desgraçado!
- Não entendo mesmo. Por que você ficou tão brabo com o mecânico? Ele só está fazendo o trabalho dele.

Saiu e não voltou para o almoço. Não era incomum eu almoçar sozinha, o que era incomum era a cena da manhã. Mas agora ele estava em casa e havia feito bolo. Um bolo com cheiro irresistível que me transportou para a cozinha. Ao chegar na cozinha, ele não estava lá. Olhei pela janela e ele estava no quintal fumando. Era um fumante esporádico, do tipo que só fuma quando as coisas não vão bem. Passei um café enquanto aguardava. Era a minha vez de fazer as pazes pelo cheiro.

Quando entrou parecia abismado com a minha presença na cozinha, mas logo sentiu o cheiro do café e pareceu relaxar novamente.

- Fiz um bolo de fubá. Acabei com a farinha.
- Tudo bem. Ficou com uma cara boa.
- Espero que tenha ficado bom. Escuta, desculpa por hoje pela manhã, eu perdi a cabeça.
- Tudo bem. Você vai precisar de ajuda com o carro?
- Resolvi deixar pra pensar nisso amanhã que hoje já tive emoções demais.



Amish Letter Writer, Horace Pippin, 1940

Conversamos um pouco, eu tinha a sensação de que tinha mais alguma coisa errada, mas não perguntei. Precisava voltar para o trabalho e ele também. Antes fui até o carro pegar um pacote de papel que havia deixado lá. Ao abrir o porta-malas achei uma carta.

Coloquei no bolso e fui ler no quarto que havíamos transformado em escritório. Ele trabalhava no porão. A carta era de uma antiga namorada dele, que agradecia pelo dinheiro que ele mandava pra ela e o menino. O menino. Que menino? Continuava dizendo que o menino queria conhecer o pai. Por isso faria uma viagem até a cidade para fazer uma visita em quarenta dias. Pela data da carta, hoje era o dia da visita. A carta contava de outras coisas, pequenas alegrias do menino, muitas dificuldades. Chorei pela mulher e pelo menino. Chorei por mim. Chorei tanto que precisei colocar a mão para fora da janela e entender que estava chovendo também fora de mim. Chovíamos.

Chorei até me sentir sem forças, mas ainda tinha que resolver aquilo. Entender aquilo. Que criança era aquela? Por que ele não havia me contado antes? Foi uma traição ou a criança já era nascida quando fomos morar juntos? Lavei o rosto e fui ao porão atrás de respostas.

Encontrei apenas dois pés flutuando. Saí correndo, precisava ligar para o médico, para a polícia, precisava... atender a porta? Confusa, abri a porta. Do outro lado, uma mulher e um menino encharcados de chuva me encaravam. Pedi para entrarem e ofereci um pedaço de bolo.

PÃO DE 40 DOBRAS

DANILO CHAVES

Ingredientes:

500 gramas de farinha de trigo

5 gramas de fermento biológico seco

350 gramas de água

10 gramas de sal



Two Pieces of Bread Expressing the Sentiment of Love, Salvador Dali, 1940

Em uma cumbuca - que seja grande o suficiente para conter todos os ingredientes e a fermentação da massa sem que tudo se esparrame pelo seu belíssimo lar – coloque a farinha de trigo e o fermento biológico seco.

Misture bem esses ingredientes com uma colher – ou caso você não goste de lavar tanta louça, misture com as mãos mesmo, afinal, é você quem vai comer esse pão! Com toda coragem que seus antepassados fazedores de pão te deram, acrescente toda a água sem titubear e comece a misturar os ingredientes – novamente, colher ou mão à sua escolha. Se você escolheu errado e está usando a colher, misture até que os ingredientes comecem a formar uma massa pesada demais para a colher, essa inutilidade – se você estivesse com a mão não tinha sujado uma colher à toa, mas né?!



Breakfast Still Life with Roemer, Meat Pie, Lemon and Bread, Pieter Claesz Date, 1640

A colher já não te serve mais, use uma das mãos para continuar mas não vá muito longe nessa mistura. Se você que estava sentindo falta de um ingrediente, pare um segundo e, neste momento, acrescente o sal.

Continue misturando a massa – agora de uma vez por todas, não tem desculpas – com uma das mãos, mantendo a outra sempre limpa – pra quê sujar, as duas?! - até que todos os ingredientes estejam mais ou menos incorporados. Sim, eu não disse bem incorporados, eu disse mais ou menos incorporados. Você não quer desperdiçar seu tempo também, quer? Então, misture até que tudo esteja mais ou menos incorporado e tenha fé. Porque agora começa a dobra.

Coloque seus dedos sob a massa – sob, não sobre, se você não prestava atenção na aula de gramática agora é a hora de rever a matéria. Com os dedos sob a massa segure sem apertar muito que ninguém precisa pressionar a massa para que ela trabalhe bem. Segurou com delicadeza? Puxe essa beradinha de massa pra cima. Vai com calma porque vai fazer isso dez vezes. Dedo embaixo, aperta com delicadeza, puxa pra cima e pro centro. De novo. Mais uma vez. E vai contando na cabeça até repetir dez vezes.

A massa tá grudando muito? É normal. A massa tá feia? É normal. A massa já vai descansar? Já vai sim. Fez dez dobras, cobre com plástico filme – se você gosta de juntar lixo desnecessário – ou com um pano de prato limpo e levemente úmido. Agora vai viver sua vida durante os próximos dez minutos que a massa precisa relaxar e descansar. Passou dez minutos de descanso e você vem na massa e faz mais dez dobras iguazinhas aquelas ali de cima. Mais dez minutos de descanso, mais dez dobras.



Caricature No.1 (Bread and Match), detalhe, Koshiro Onchi, 1948

Isso mesmo: 1) você fez dez dobras e descansou dez minutos. 2) mais dez dobras e mais um descanso de dez minutos. 3) mais dez dobras e dez minutos descansando. Agora, finalmente, você fará mais dez dobras – pão de 40 dobras – e vai deixar o pão descansar o quê, minha gente? 40 minutos.

Agora que a massa descansou e cresceu por 40 minutos, vamos modelar. Primeiro, põe um pouco de farinha de trigo na bancada e nas suas mãos porque, se não, vai dar ruim. Tira a massa da cumbuca com delicadeza. Lembra da técnica das dobras? Você vai modelar com a mesma técnica. A massa deve ser pegajosa porém sem grudar nas mãos – um amor perfeito. Puxe a massa de baixo pra cima e pro centro, até que ela fique arredondada. Ficou redondinha do seu gosto, segure pela emenda – que é o nome chique do lugar em que você fez com todas as dobras finais se encontrassem – segure e vire na sua mão, colocando a emenda para baixo. Transfira para uma assadeira que já esteja com papel manteiga no fundo. Neste momento mágico, a massa vai descansar mais 30 minutos – massa é uma pessoa muito cansada. Deixou a massa no seu spassadeira? Ligue seu forno porque precisamos, com certeza, de um forno pré-aquecido. Pode colocar na temperatura mais alta - a não ser que ele ultrapasse 250° celsius. Em geral não vai ultrapassar, então não se preocupe e coloque no máximo de uma vez.

Depois de 30 minutos, olhe bem para sua massa e perceba que faltam duas coisas: um pouco de farinha polvilhado por cima e um corte bem superficial feito com uma faca muito fina e muito afiada que vá de um lado ao outro da massa.



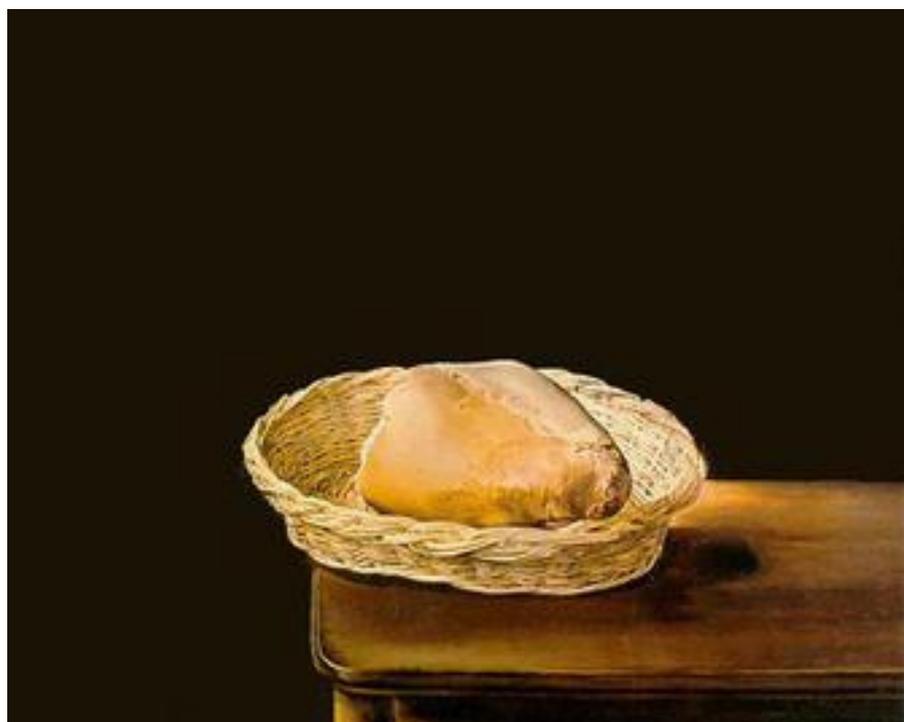
Still Life with Apples and a round bread (detalhe), Zinaida Serebriakova, 1948

Perceba que não é para esfaquear a massa, é um corte superficial. Eu sei que a ansiedade tem te devorado com esse pão mas antes de colocar no forno, cubra a assadeira com papel alumínio - para criarmos uma estufinha para o pão começar a ser assado.

Agora sim! Coloque a estufinha de pão no forno e deixe lá por quinze minutos. Acabado esse tempo, retire o papel alumínio e imediatamente borrife o pão com água. Pode ser com um borrifador ou com a mão mesmo. Vai lá, molha a mão na água e borrifa com os dedos mesmo. Tenha coragem! Só não vai encharcar o pão. Agora é só esperar o pão ficar com a casca douradinha. Não sei quanto tempo demora no seu forno. Fique de olho. Tenha paciência.

Seu pão estará pronto assim que você tirá-lo do forno com aquela casquinha dourada e crocante. Lembre-se de tirar do forno para comer. Estudos comprovam que é sempre melhor comer o pão fora do forno.

The Bread Basket, Salvador Dali, 1945



SOBRE MEUS QUARENTA DIAS NO DESERTO

NAYARA BARROS DE SOUSA



Satan Tempting Christ to Change stones into Bread, Rembrandt, 1640

Não, aqui não é mais uma notícia sobre os achados do Mar Morto que, devidamente escondidos pela Igreja, contivessem, finalmente, o Evangelho Segundo Jesus Cristo. Nem mesmo o de Saramago, tampouco, apesar de, particularmente, eu gostar muito. Mais até do que os originais, talvez. Que Ele me compreenda: ter escolhido vários autores para trabalhar na mesma História, pode ter saído avançado demais para um momento tão delicado da história daquela região tão pobre e seca. Pobre e seca, aliás, são quase sempre os adjetivos que acompanham a descrição da minha terra natal, o que não deixa de ser verdade, até certo ponto, como tudo nesta vida. Parece que é esse o destino da verdade, de qualquer delas: chegar até certo ponto e depois deixar que a nossa imaginação complete o que ela não deu conta, já sabiam disso os povos antigos.

Mas voltando aos meus 40 dias no deserto, que poderiam ser algo como 40 anos no deserto de Teresina. Ainda não fiz essa idade, mas vou aqui fazer esse exercício de imaginação, o que não quer dizer que seja mentira. Façamos de conta que o SOL assim com todas as letras maiúsculas posto que existem muitos outros sóis, com outros nomes, mas esses são assim com letras minúsculas, porque partimos só do que sabemos, ou que achamos que sabemos e esses outros sóis são mais abstratos que esse que queima a moleira de quem pega ônibus meio dia perto dessa linha planetária de mentira, mas com efeitos muito reais, a linha do Equador. Não a linha de ônibus, que essa nem existe nesta minha cidade, apesar de termos a linha Buenos Aires, que não leva a Argentina, mas sim da Zona Norte ao Centro. Mas chega dessa Geografia confusa.

Nesses 40 dias no deserto, que se converteram em 40 anos, eu posso dizer que me ensimesmei mais do que gostaria. Talvez fosse o efeito do calor, da solidão que me fez imaginar demônios falastrões a cada duna, a cada esquina, disposto a tentar extrair de mim qualquer ousadia que deixei lá trás, na minha juventude. Pobre diabo. Estava diante de uma mulher de pele curtida de sol e já bastante calejada desse papo adocicado de como o mundo era cheio de aventuras e prazeres. “Já experimentei, Sr. Demônio. O Senhor chegou um pouco atrasado”, eu dizia. Mas como todo homem, quer dizer, diabo, ele não desistia fácil do seu projeto de estar certo. E em que consistia essa certeza dos meus demônios, que às vezes era um, às vezes muitos? Que eu tinha a estrada aberta, como a Canção de Walt Whitman. Sim, meu diabo era muito erudito, vejam só. Ou só muito malandro.

40 anos não são 40 dias, sr. Diabo e a estrada aberta não me aponta onde poderei adoecer ou envelhecer, ou os que eu devo cuidar e quem vai me cuidar. Sempre suspeitei que meu diabo era um demônio liberal, por isso a ingenuidade, creio eu. Não que esta que vos escreve desmereça os bons versos de um mestre, mas tenho cá pra mim que sempre faltam mulheres e crianças, mesmo no Canto da Estrada Aberta, onde elas até aparecem. A estrada é terra, mas é terra de passagem e a andarilha quer terra de pouso.

O erro do diabo desde o início, é que deve ter achado que o deserto era meu retiro e não o meu lar, coitado, deve ter me confundido com outra pessoa e com outro tempo e com outro lugar.

E o meu acerto continua sendo ainda não ter me acostumado com ele.

OVELHA

MARCO MAGOGA

- Mãe, já tá chegando?
- Não menino, ainda falta.
- Mas mãe, você falou isso tem 2 anos já.
- Cala a boca e continua andando.
- Eu tenho certeza de que a gente já passou por aquela pedra com formato de ovelha.
- Tem um monte de pedra igual, a gente tá no deserto, o que mais tem é pedra. E a única pedra que a gente precisa prestar atenção é aquelas na mão do Moisés.
- Porque ele carrega aquilo, mãe?
- Acho que tem o mapa de onde a gente tem que ir, não sei, nunca vi de perto.
- Nossa deve ser um mapa grande, a gente anda, anda e nunca chega.
- A energia que tá gastando murmurando pode usar pra continuar caminhando.

- Mãe o que tem de almoço?
- Sopa de maná.
- Ah mãe de novo? Não aguento mais comer maná...
- Ah, mas quanta criança que daria tudo por um pratinho de maná desses, preparado com carinho.
- Dá pra elas então.
- Mal educado! Vai chamar seus irmãos pra comer.



Girl with a Small Sheep (Girl in Renaissance Costume),
Carel Willink, 1946

- Mãe, vou sair.
- A essa hora? Com quem?
- Os caras me chamaram pra um recital das tábuas sagradas lá atrás da coluna de fogo.
- Hm... os caras? E você tá usando a túnica de sair pra encontrar... os caras?
- Pô mãe, dá um tempo! Não perde uma, poxa.
- Eu não acho que você se perfumaria com metade da mirra do nosso estoque se fosse só pra ver os caras.
- Ah, é que a Maya disse que ia também... Vai junto com o irmão dela, o Gael...
- Tá bom, tá bom. Não precisa dizer mais nada! Ai como meu menino ta crescendo, tá indo até encontrar as mocinhas, que o *Eu Sou* conserve assim!
- Ai, mãe, para...
- Tá bom, desculpa. É orgulho de mãe misturado com um ciuquinho de perder meu menino pra outra moça. Bom divertimento, mas não vai muito longe porque olho de mãe enxerga até na escuridão do deserto.

- Oi, Gael! Tudo bom?
- Tudo bem, dona Liz. Vim chamar o Abner pra ir me ajudar com as ovelhas... Calor né?
- Ai menino, nem me fala, a gente anda, anda, anda, mas mesmo com a sombra da nuvem vem o mormaço quente, né? Olha, to toda queimada! Abner, vem cá!!!
- Nossa mãe, precisa gritar desse jeito OI GAEL... Tudo bem?
- Oi, tudo sim, vamos lá?
- V-Vamos, só pegar o cajado.
- Ai que bons rapazes vocês são. Mas Gael, e a Maya, como vai?
- Tá boa, dona Liz.
- Abner, tem que chamar ela pra vir almoçar com a gente. Vem também, Gael, traz sua mãe, seu pai...
- Mãe, o mesmo maná que eles comem lá a gente come aqui.
- Mas olha só, já chegou a má educação de novo! Você passou da idade de pensar na moça que vai preparar seu maná, Abner! Seus irmãos todos já fizeram família, mesmo nesse deserto. Sua mãe não vai durar pra sempre.
- Tá bom, mãe. Já entendi. A gente marca um dia, sim, pode ficar tranquila. Vamos Gael?

- Nossa, quanto tempo mais a gente vai ter que andar pra chegar nessa terra que nos foi prometida, hein Gá? Eu mal me lembro do Egito.

- Ah, sei lá, cara, eu tenho a impressão de que a gente já passou por aquela pedra em forma de ovelha umas 500 vezes! Mas, sei lá, tem companhia que vale tanto a pena que 40 anos de caminhada parecem 40 dias...

- É, isso é verdade. E eu tenho a impressão de que a terra prometida já está aqui.



Rocky Mountain Sheep, John James Audubon, 1845

A CRÍTICA COMO ELA ERA: APOLODORO BASSAREUS

TRADUÇÃO DE
DANILO CHAVES

As tamareiras balouçam ao sopro do vento oeste e podemos sentir o cheiro da tâmara madura misturado no frescor que sobe das abençoadas águas do Nilo. Estamos na pujante cidade de Hidrorrinco a 158km do Cairo. Um homem de pé na embarcação faz as contas de quantos cúbitos de madeira odorífera seriam trocados por suas tâmaras dulcíssimas. Para não perder a conta anota no primeiro pedaço de papel que encontra:

17 cúbitos] [1] de madeira ----- 83 jarras de tâmaras secas
7 cúbitos de olíbano ----- [] figos []

Nunca saberemos quanto de figos valeu-lhe o olíbano porque o tempo não quis que essa quantidade ficasse registrada. Porém, foi justamente o registro dessa simplérrima operação de compra que deve ter salvo uma das maiores obras jamais escritas sobre o teatro ateniense do século V a.C., considerada perdida já na mesma Antiguidade tardia. A história desse desaparecimento necessita de algumas explicações.

Durante quase dois mil anos a maior parte da produção intelectual da Antiguidade ficou silenciosa para nós. Algumas peças que em sua época tiveram fama imorredoura pereceram frente ao tempo; não tivemos delas mais que o eco de algumas frases citadas em autores cuja melhor fortuna fez com que suas obras sobrevivessem. A destruição da Biblioteca de Alexandria, a reutilização de pergaminhos para escrever-se novos textos e muita vez o nosso azar fez com que apenas 37 peças nos chegassem completas desde a sua origem na Atenas clássica. O final do século XIX porém trouxe um alento a todos os amantes do teatro. A descoberta dos Papiros de Oxirrinco (P.Oxy) trouxe consigo longos trechos de várias peças de Menandro, da Hipsípila de Eurípedes e até mesmo dois terços dos famosos Ichneutae de Sófocles (P.Oxy. IX 1174 col. iv–v). Aquelas 37 peças, esses trechos desenterrados de entre as múmias egípcias e os fragmentos encontrados em citações formavam o grande tesouro do teatro grego original.

No entanto, a virada do século XXI nos traria uma surpresa ainda maior. Enquanto aguardava sua permissão para trabalhar no sítio arqueológico de Oxirrinco, a equipe do grande egiptólogo inglês Lord Edgar Hillcrest, aguardava placidamente na cidade de Al-Jajal – nome que hoje tem as três ruas e um camelo que atenderam em tempos áureos pelo nome de Hidrorrinco. Em pouco descobriríamos que as cidades vizinhas não guardavam apenas semelhanças no nome. Saindo para um passeio solitário ao entardecer o Lord Hillcrest notou algumas inconsistências no relevo de Al-Jajal. A quilha de um barco parecia apontar no final da rua pela qual ele passeava. Intrigado, ele apertou o passo em direção ao que via. O que estaria um barco fazendo naquela altura do deserto? A descoberta daquela quilha levou o doutor a investigar mais a fundo. Descobriu-se que a margem do Nilo, que antes banhava a famosa Hidrorrinco, retrocedeu mais de 36km fato que deu fim à sua glória portuária. Ainda assim aquela quilha egípcia não seria a descoberta mais interessante de Lord Edgar Hillcrest.

[1] Os trechos vazios entre colchetes indicam que o texto foi perdido. Os trechos de texto entre colchetes são de leitura hipotética. As notas do tradutor virão marcadas com N.T. Quando não houver indicação em contrário, as notas serão da edição de Lord Edgar Hillcrest.

As escavações começaram em pouco tempo e trouxeram à tona um pequeno porto e estaleiro além de uma instalação interessante que poderíamos chamar de alfândega. Nessa alfândega é que se encontraram os, hoje famosos, Hidrorrinco Papiri, os Papiros de Hidrorrinco. Grande parte do material que consta desses papiros são simples notações e quantidades, operações de compra e venda. Dois volumes, porém, denotam que um visitante muito esdrúxulo esteve em Hidrorrinco por volta do ano 78 a.C. Um papiro traz em si a inconfundível marca dos Dionysiakoi Tekhnitai, os Artistas de Dioniso. Esta foi uma guilda de atores, escritores e técnicos das mais diversas áreas do teatro que se juntaram naquilo que poderíamos chamar de sindicato, porém, com muito mais poderes – os Artistas de Dioniso poderiam mesmo negociar com as cidades-estado como se fossem um povo independente.

Não sabemos o nome deste Tekhnites, embora saibamos, o que ele estava lendo pois num cantinho rabiscado do verso encontramos uma transação de compra que envolvia tâmaras, madeira, figo e olíbano. Essa interessante figura tinha em suas mãos O' διαχωριστής (Ho Diakhooristees), O separador, de Apolodoro Bassareus. Ateneu de Náucratis menciona tanto o autor quanto a obra nos seus Deipnosofistas. O próprio Ateneu é quem diz “O clamor da fama de Apolodoro Bassareus e suas grandes amizades chegou até nossos ouvidos vivo e forte, diferente de seus escritos. Muitos são os que dele falam com louvor e com admiração e neste báculo de alvíssaras nos apoiamos para dele falar”. Então, quem foi Apolodoro Bassareu e porque tantos o louvaram a ponto de mesmo desconhecidos os seus escritos ainda ser devido o louvor?

Nascido em Anfípolis, colônia ateniense situada na Trácia, filho de pais trácios, portanto, bárbaros, Apolodoro chega a Atenas por volta do ano 477 a.C. atraído pela possibilidade de uma carreira no teatro. Ao que se sabe fez parte do coro numa peça de Cratino chamada οι καμηλοπάρδαλες (oi kameelopardales, As Girafas). É o que nos diz um escólio a Aristóteles (Retórica 3,2): “O próprio Cratino fez piada com seu próprio coro a custa de Bassareus, um ator de tanta estatura e tão pouco talento”[2]. Ficou conhecido como Apolodoro Bassareu, nome de uma vestimenta típica da trácia, embora os poetas cômicos preferissem chamá-lo o βαρβαριδες (Barbarides) “o filho do Bárbaro”, numa referência sarcástica a sua origem não ateniense.

[2] N.T. Escólio ao verso “A cabeça fica tão alta nesta estaca/que os pássaros fizeram dela cagatório” (Crat.237. Comiorum Atticorum Fragmenta. Kock, pp 56 e seguintes. 1880).

Em Atenas fez amizade com todos os grandes poetas dramáticos de Atenas, especialmente Sófocles, Eurípides e Agathon. Em pouco tempo a amizade de Apolodoro Bassareus era um sinal favorabilíssimo de sucesso no teatro. Aqui é que se insere o famoso Ο' διαχωριστής. Ateneu de Náucratis refere O Separador como a grande glória do pensamento dos atenienses. A Suda, talvez repetindo algum autor anterior que não nos foi dado conhecer, diz que não seria possível entender o teatro de Sófocles e Eurípides sem O Separador. O que vem a ser, então, esse separador.

Ο' διαχωριστής é uma coletânea de textos em prosa que comenta em detalhe profundo as produções teatrais atenienses que vão de 460 a.C até a morte de Sófocles em 405 a.C. Ateneu de Náucratis conserva a anedota segundo a qual Apolodoro teria dito que se calava quando o maior poeta se calou, numa referência a que não escreveria mais depois da morte de Sófocles (Deipnosophistas 5,3). Sua morte deve ter ocorrido pouco depois da de Sófocles, já que num fragmento de As Lamparinas, Aristófanes parece se referir a ele nos seguintes versos:

Apagou-se a lamparina bárbara
Queimou até a rabugem
Só não queimou o vestido trácio
que tão bem lhe caía”. (οι λαμπτήρες, fragm. 13)

Temos aqui em primeira mão uma tradução parcial do famoso papiro que contém a primeira parte de O Separador (P.Hid 40). No trecho, bastante bem conservado, que aqui traduz-se (P.Hid 40 XVIII) podemos ver pelos olhos de Apolodoro Bassareu a primeira montagem da Antígona de Sófocles. Essa tradução foi feita a partir da edição de Lord Edgar Hillcrest (Hidrorrincus Papiri. Oxford Press, 1998) em cotejo com a edição italiana do Dr Caio Uberto Tondo (Hidrorrincus Papiri. Bologna, 2004. Anotate per il Dottore C. U. Tondo).

[] [3]...o outro gritava e lançava-lhe mãozadas de figos secos que para a alegria de todos ficavam por ali à disposição de quem quisesse. Seria iniciada a segunda guerra sicofântica se o aulos não tivesse dado o sinal de Téspis: começaria a apresentação mais aguardada por todos a no[va de] [4] Sófocles. As Grandes Dionísias de 441 pareciam ainda distantes quando em seu círculo de amigos, nos quais gratamente me conto, quando Sófocles fez saber que pretendia escrever uma peça sobre Antígona. Um bufão cretino [5] não perdeu a oportunidade de fazer suas piadas sem sentido perguntando se

[3] Pelo contexto supõe-se que o texto se iniciasse com uma discussão entre dois vendedores de figos secos.

[4] Apolodoro Bassareus tem costume, em outros trechos do texto, de se referir às peças como a “nova de Fulano”. Como eram autores muito conhecidos não deveria haver dúvida quanto a qual seria essa “nova”.

[5] Seria este o comediógrafo Cratino?

[] Não seria melhor uma história de tema mais recente porque aquela era antiga. [] [6] [aband]onemos tão mesquinho sujeito e nos concentremos no que interessa: o gênio de Colono. Sófocles esmerou-se nessa produção já se via desde a entrada do protagonista. É inegável que Antígona e Ismene entram aqui vestidas regiamente pela Maison Dennercles. As máscaras foram feitas com o linho egípcio de 180 fios o que se percebe no tom sedoso da pele das duas irmãs. Os peplos de ambas poderia talvez ser um ou dois dedos maior pois traria mais dignidade ao status de ambas como princesas da casa real de Tebas. Porém, dado que a peça se passa logo após um estado prolongado de sítio à cidade talvez esse peplos um pouco mais curto seja um aceno de Sófocles às privações por que passara Tebas. Ainda assim o tecido é notável e os atores tiveram total desenvoltura no decorrer da cena, tendo talvez se sobressaído o deuteragonista num embate quase perfeito. Para quem não esteve no teatro de Dionísio – e qual seria o motivo para um cidadão se negar a participar das festividades de Brômio eu não saberia indicar – passo agora ao relato da fábula como foi vista ontem[7]. [] [sai] choramingando com um gesto compungente e poucas vezes visto no teatro até hoje: Ismênia humilhada pela irmã sai de cena ao som do seu alto choro “πί πί πί” e antes de adentrar o palácio, olhando fixamente a plateia com olhos chorosos, pudemos ouvir o deuteragonista, após um longo e sentido suspiro, dizer com voz fraca de Nausicaa[8] “ninguém tem paciência comigo”[9]. [] denunciado pelo seu belo traseiro [] [10] [] Como Zeus pai frente a Dânae fomos tomados por uma chuva de ouro[11]. Os entendidos de teatro sabemos exatamente como esse efeito foi conseguido pois o cheiro de σάλτσα κοτόπουλου[12] espalhou-se quando a chuva dourada de açafão caiu sobre todo o teatro. Os escravos que espargiam o açafão ficaram durante bastante tempo ainda com as mãos amarelas[13]. [] [Só]focles, cujas preferências a ninguém engana, fez que o coro, com o belo Calípigo à frente de todos, recitasse claramente os versos “Muitas

[6] Apolodoro parece continuar em sua diatribe contra o comediógrafo não-nomeado. Infelizmente o trecho é ilegível.

[7] O trecho seguinte está altamente corrompido. É uma felicidade que Antígona tenha sobrevivido para que saibamos a qual trecho Apolodoro Bassareus se refere quando a leitura se torna mais segura.

[8] Seria uma sarcástica referência à personalidade do deuteragonista? [N.T. Lord Hillcrest em sua edição não comenta mas é fato conhecido que Sófocles atuava em suas peças e teria feito o papel principal na Nausícaa. Além de ser outro fato conhecido que o dramaturgo teria a voz fraca e por isso com o tempo, supostamente, abandonou a carreira de ator]

[9] Ainda hoje um momento de grande força da peça. Sabemos por esse relato como o próprio Sófocles a teria imaginado.

[10] Claramente, refere-se a um componente famoso do coro de Anciãos de Tebas. [N.T. a crítica especializada supõe que seja Calípigo, à época membro do coro e futuramente amante de Sófocles]

[11] O Enterro de Polínicos com areia fina e dourada foi retratado em diversos vasos do período pelo famoso pintor Psamatos de Brokhi.

[12] Um prato típico de Atenas entre as famílias mais ricas em que se cozinhava por bastante tempo a carne de aves domésticas, preferencialmente galinhas, em um caldo feito de especiarias a mais comum sendo o açafão.

[13] O escoliasta informa que: “o açafão denunciou inclusive alguns escravos quando tentaram em vão fugir”.

maravilhas tem a natureza mas a maior elas é o homem”[14]. Vai que é vosso, Sófocles![15] [] Antígona e Hêmon sozinhos numa caverna? Sabemos que teve ngekho ngekho[16] ali. [] por baco! Enforcada! Ninguém esperava... [] O Hêmon também se suicida?! Socorro! [] E agora e Eurídice também?! Está virando uma peça Mekhiana[17]. [] provando que mesmo o delicado Sófocles consegue escrever sobre política quando quer. Embora não apoiemos o lado revolucionário desta Antígona que se rebela contra a sacralidade do poder divinamente estabelecido dos reis, nos consideramos sempre partícipes de suas dores e angústias ficando a dúvida [][18]

O manuscrito encerra-se abruptamente e quando volta claramente o texto já está tratando das Filhas de Pélias de Eurípides. Não sabemos qual dúvida e como teria terminado seu texto o interessantíssimo Apolodoro Bassareus[19].

[14] Não somos ainda capazes de entender a referência. [N.T. o Doutor C. U Tondo em sua edição avança a hipótese de que foi com essa cantada que Sófocles conquistou o seu futuro amante]

[15] Acreditamos que ao chamar Sófocles de fofo, Apolodoro Bassareus demonstra grande apreço e amizade , além de aprovar o coro. Vemos assim contrariamente a alguns que querem ver nisso um caso raro de gagueira manual do autor.

[16] Provável termo de origem dialetal trácia. O significado é obscuro mas refere-se ao encontro dos dois jovens numa caverna com alguma finalidade particular. Pensamos que seria provavelmente um termo de afeto para a conversa que acontece em cena. [N.T.]

[17] A cidade de Mekhios era famosa na Antiguidade por seus habitantes extremamente emotivos beirando o melodramático.

[18] Perdeu-se o restante.

[19] N.T. Ficamos imensamente felizes de proporcionar ao público brasileiro a tradução deste trecho de um livro tão importante que nos trouxe tamanho conhecimento sobre as práticas teatrais da Grécia Antiga. Esperamos para breve poder proporcionar aos nossos leitores uma tradução da obra completa deste precioso autor.

ENTREVISTA: AMARA MOIRA

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

1) Muitos personagens masculinos da literatura mundial são retratados em seus quarenta anos. Mas algo que parece ser tão trivial – chegar aos quarenta anos – não o é para boa parte da população brasileira: as pessoas trans, cuja expectativa de vida é estimada em 35 anos, segundo pesquisa do IBGE de 2013. Como você relaciona as estruturas sociais do nosso país, nossa história política marcada por uma profunda desigualdade, nossa classe política herdeira de um pensamento colonial, escravocrata e ditatorial, com esse índice tão chocante?

AMARA: É preciso que a vida possível para tais sujeitos e sujeitas seja extremamente precária, para impedir que mais pessoas se permitam questionar o gênero que lhes foi imposto ao nascer. A verdade é que fomos todos criados para ser de um determinado gênero, para ser a encarnação desse gênero, mas aí começaram a surgir pessoas dizendo que não é tão necessário agarrar-se a esse gênero como se ele fosse a verdade do que se é, do que se pode ser e aí reside o perigo. Se legitimarmos as identidades trans, quantas mais pessoas não sentirão a vontade/necessidade de experimentar outras formas de existir? Por quanto tempo ainda fará sentido impor gênero a uma recém-nascida com base nos genitais com que é ela nasceu e acreditar que isso é a verdade a respeito dela? E, mais: como explicarão o que é uma mulher, o que é um homem (ou seja, o que eles e elas próprias são), se o genital não se mostrar mais uma prova incontornável? A violência com que nos tratam é a tentativa de postergarem o momento de se confrontar com tais questões, é a maneira de seguirem acreditando na explicação genitalizante do gênero.

2) No Brasil, nós temos desde 2015 a campanha de prevenção ao suicídio “Setembro Amarelo”. Nós sabemos que muitas pessoas LGBTQIA+ se suicidam no Brasil, muitos antes dos quarenta anos. Como você pensa que podemos tornar o mundo menos hostil para os jovens LGBTQIA+ e como você pensa que podemos educar as pessoas mais velhas, alicerçadas em uma intolerância alimentada por líderes religiosos e políticos, para construir uma comunidade mais saudável, que acolha as diferenças e não as tente curar e banir?

AMARA: Fomos criades todes, pessoas cis e trans, não só para sermos de um determinado gênero, mas também para termos medo de nos imaginar outra coisa que não isso. Para garantir que esse medo esteja sempre presente em nossas consciências, delegou-se às crianças a tarefa inglória de serem, desde pequenas, fiscais do gênero umas das outras, lembrando-se permanentemente do que é aceitável e do que precisa ser execrado em nossas performances de masculinidade e feminilidade. As marcas disso são profundas. A primeira coisa é nos livrarmos do medo e dessa vergonha que nos ensinaram a sentir de nós mesmas. Não se faz isso com passe de mágica, nem do dia pra noite. Vivo há mais de 6 anos como Amara, imersa num projeto militante de vida, e mesmo hoje ainda sinto os impactos desses sentimentos que me ensinaram a sentir. É preciso desaprender a se odiar para, então, ir aprendendo a sentir orgulho do que somos. Isso se dá num nível tanto micro, com cada uma desenvolvendo individualmente, ou dentro do seu grupinho seletivo, estratégias para cultivar o amor-próprio, quanto num nível macro, com a proliferação de narrativas que criem sujeitos LGBTQIA+ capazes de se amar e de inspirar admiração. A famosa auto-estima do homem cis branco heterossexual nada mais é do que o produto de uma sociedade que o criou para acreditar que ele é alguém que, a priori, deve ser levado a sério... só que isso não pode ser feito às custas da auto-estima dos demais sujeitos.

3) A educação brasileira foi construída sobre marcos muito fortes: o modelo jesuíta, as desigualdades sociais profundas, a ditadura militar. O que se construiu, também, de forma bem sutil, foi a noção de quem é autorizado a educar, quem é autorizado a lidar com aqueles que acabaram de chegar ao mundo humano. Nós, apenas por fazermos parte da comunidade LGBTQIA+, já somos vistos com suspeita; quando vamos trabalhar com educação, essa suspeita aumenta, como se fôssemos uma reencarnação de Platão, sempre acusados de tentar corromper a juventude. Essa desconfiança sobre a nossa periculosidade é disfarçada muitas vezes com uma desconfiança na nossa capacidade intelectual e profissional. Em primeiro lugar, por que você quis trabalhar com a educação e com o ensino de literatura? Em segundo, como você avalia o impacto dessa violência disfarçada de preocupação com os jovens no próprio desejo das pessoas LGBTQIA+ de trabalhar com educação? Em terceiro, como podemos inspirar que mais pessoas LGBTQIA+ queiram ocupar esse espaço – a sala de aula, agora alargada para a esfera virtual – apesar de tantas adversidades?

AMARA: Eu acredito que qualquer transformação que queiramos terá que passar incontornavelmente, pelas instituições de ensino. Não apenas pelo que elas se propõem a ensinar em termos de currículo, mas também porque elas funcionam como um espaço de socialização e de aprendizado, na prática, de convivência com a alteridade. A convivência, em pé de igualdade, com pessoas provenientes dos mais diversos grupos sociais é crucial para criarmos uma sociedade que saiba coexistir com o diferente, que saiba não se sentir ameaçada pela existência do diferente. Nos meus anos de colégio, nunca vi uma única pessoa que batesse no peito e dissesse com orgulho ser LGBTQIA+, mas não faltaram exemplos de figuras sendo humilhadas e violentadas por não se comportarem, em termos

de gênero, como se imagina que deveriam. Hoje, podendo ser uma travesti professora, é como se eu tivesse condições de impedir que as gerações que passarem pela minha sala de aula tenham a experiência que eu tive e, só por isso, a minha atuação como professora é ao mesmo tempo um trabalho e um projeto militante. Do que eu muito me orgulho. O problema, no entanto, é que isso traz armadilhas também, pois sempre que eu for bem sucedida na incumbência que me derem usarão meu exemplo pra dizer que LGBTQIA+ podem ocupar os espaços que quiserem, basta se dedicarem, ao passo que, quando eu falhar nas tarefas que receber, não serei apenas eu ali, mas "uma travesti", e toda a comunidade pagará por isso.

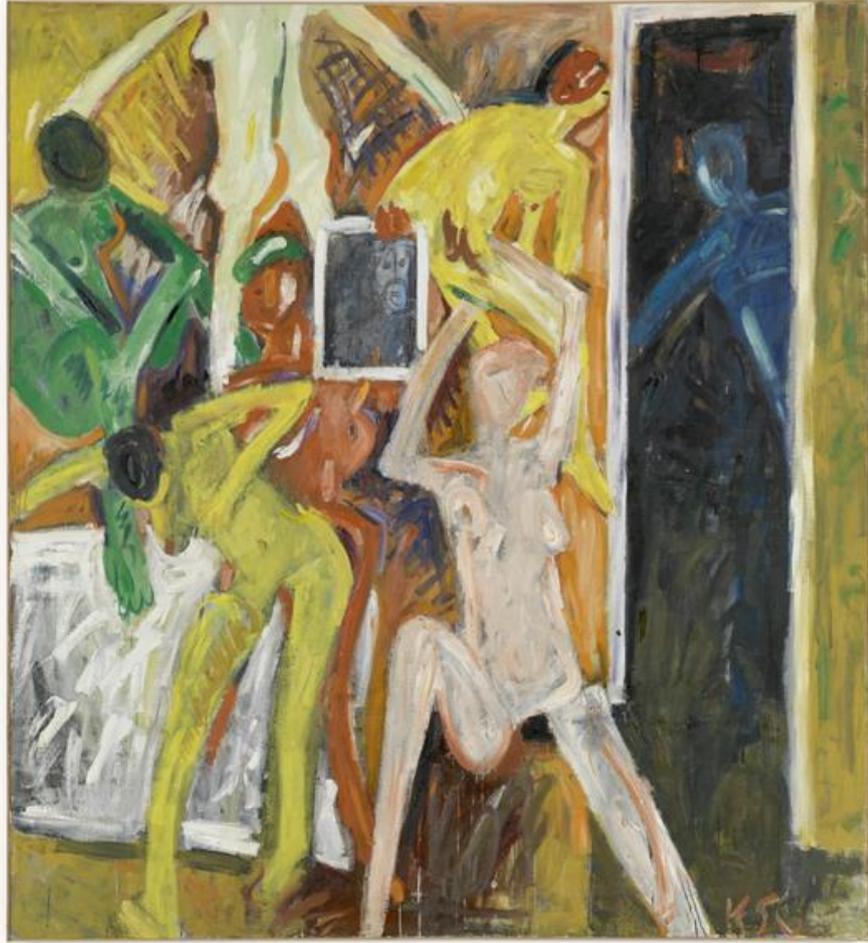
4) A literatura considerada canônica, que é a que vemos nas escolas, ainda que de forma superficial, é constituída por muitas obras carregadas de preconceitos – que podemos entender pelo contexto histórico, mas também pelos privilégios e posicionamentos políticos dos autores. Em primeiro lugar, qual a importância de se ensinar literatura e de se reler essas obras que parecem não ter nada a dizer a nós, pelo tema e pela linguagem? Em segundo lugar, como falar da importância da literatura em um contexto político e social em que as artes ou são consideradas uma perversão ou uma inutilidade? Em terceiro, como o ensino da literatura pode contribuir para uma maior compreensão da diversidade humana, apesar disso?

AMARA: Minha utopia é chegarmos a um momento em que consigamos todes nos ver sem dificuldade tanto na narrativa de um Ulisses da vida, quanto, por exemplo, na da Ponciá Vicêncio de uma Conceição Evaristo ou da Princesa de uma Fernanda Farias de Albuquerque. Essa utopia inauguraria ainda um tempo em que pessoas brancas cisgêneras heterossexuais sem deficiência conseguiriam escrever, com propriedade e naturalidade, de vivências distintas e distantes das próprias. Atualmente não é isso o que vemos e, sim, essas pessoas, por um lado, profundamente desconfortáveis diante de narrativas que não lhes sejam espelho (o "narciso acha feio o que não é espelho" do Caetano cabe aqui como uma luva) e, por outro, produzindo obras em que a alteridade sistematicamente ou não comparece ou só comparece em posições subalternizadas. Como essas pessoas respondem pela maioria esmagadora das publicações, percebe-se que há um problema de representação e que esse problema acentua a exclusão e violência sofridas por pessoas que não se encontram nesse espectro. Nesse sentido, ao meu ver, é necessário que desenvolvamos duas estratégias complementares para a transformação dessa conjuntura: por um lado, visibilizar a produção de autoria/temática não-hegemônica e, por outro, lutar para que perspectivas não-hegemônicas incidam na forma como as produções da hegemonia serão lidas.

5) No tocante à representação: uma crítica que a literatura com personagens lgbtqia+ recebe, com frequência, é a de carregar nas tintas do sofrimento. Por um lado, é importante ter histórias em que esses personagens tenham finais felizes. Por outro, ignorar na literatura as violências que ainda

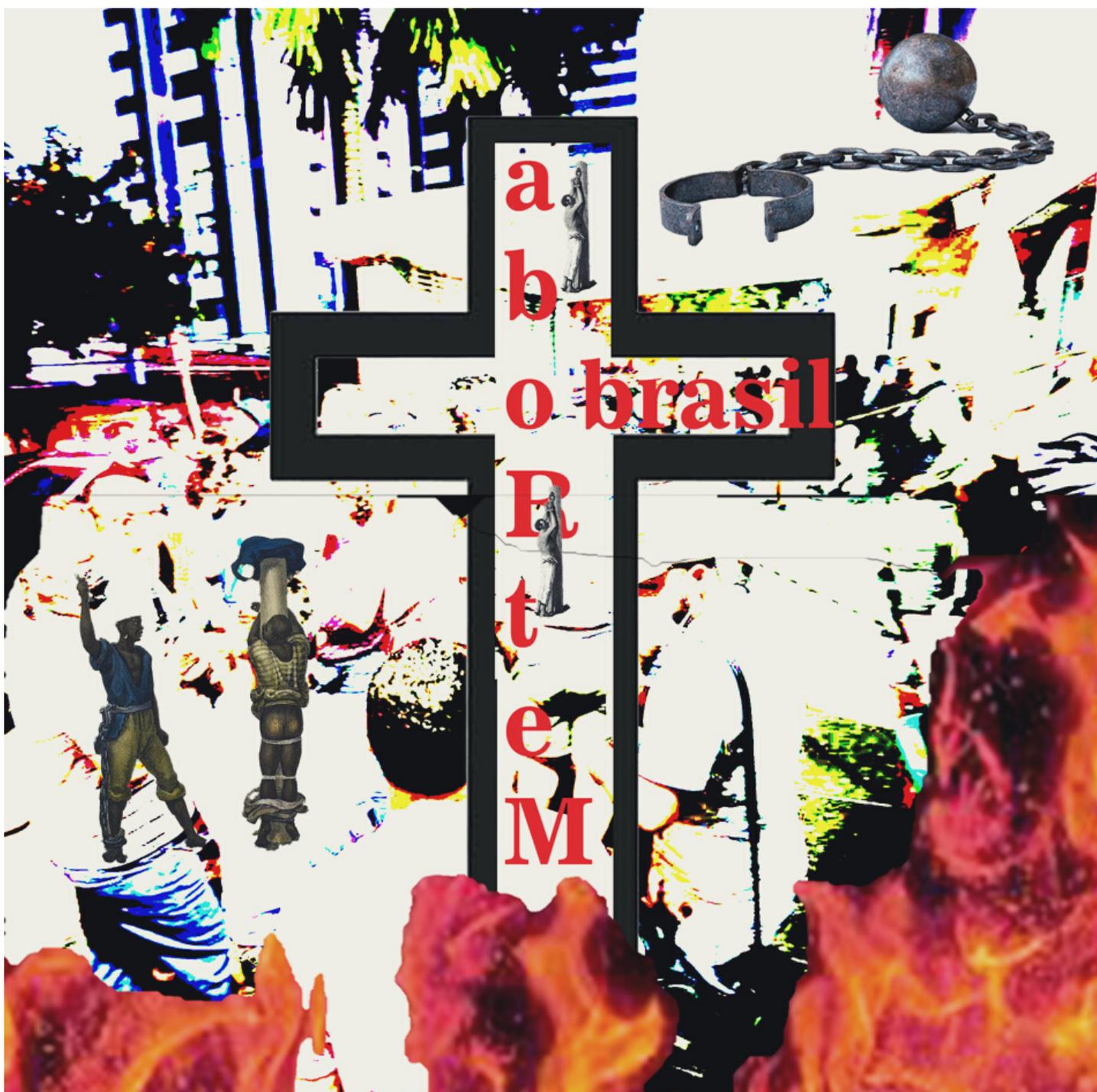
acontecem no mundo real, pode ser alienante, criar estereótipos e servir à cisheteronorma. Como você pensa a produção literária entre esses dois lados? É possível um equilíbrio?

AMARA: É um paradoxo de difícil solução. Acredito que ele se deva à ideia de que o enredo trazido pela narrativa é superior a outros aspectos da trama, como por exemplo a forma de contar a história, a relação entre a voz narrativa e a coisa narrada, as camadas de sentido que podem transformar radicalmente a leitura etc. Entendo a reivindicação de finais felizes, mas acredito que a própria ideia de "fim" já não condiz com os tempos bicudos em que vivemos.



Nesse sentido, um final só é feliz ou triste porque a história foi interrompida num momento específico e não em outro: é um recorte possível, dentre tantos, não melhor nem pior. De qualquer forma, acho perigosa a ideia tanto de desejarem que a literatura "defenda" um certo grupo social, quanto de esperarem/cobramos que a produção de uma sujeite não-hegemônica seja em si mesma militante. Observe-se, por exemplo, o desconforto que a militância revela com relação às obras da Cassandra Rios, autora lésbica que colocava em cena personagens LGBTQIA+ condenáveis e sempre envolvidos em tragédias. Essa autora é desprezada pelo meio intelectual, pela militância e pelo reacionarismo, uma literatura que incorpora aspectos desses três setores e que consegue incomodar ao mesmo tempo os três. Uma literatura que nos lembra também que esses três setores, em menor ou maior escala, estão dentro de nós, nos constituem. Eu amo Cassandra Rios quase tanto quanto a odeio.

Amara Moira é travesti, feminista, doutora em teoria e crítica literária pela Unicamp (com tese sobre o Ulysses, de James Joyce) e autora do livro autobiográfico *E se eu fosse puta* (Hoo editora, 2016). Além disso, ela é autora do capítulo *Destino Amargo* no livro *Vidas Trans – A Coragem de Existir* (Astral Cultural, 2017), teve seu monólogo em pajubá *Neca* antologado em *A Resistência dos Vaga-lumes* (Nós, 2019), vem estudando as obras escritas por pessoas trans no Brasil, com foco nas autobiografias, e tem publicado ensaios de crítica literária feminista sobre o cânone nacional.



Ontem era hoje, Igor Abrantes, 2020

40 DIAS, ANOS E ANOS

IGOR ABRANTES

tive uma gripezinha...
faltou ar para acompanhar
a dobra no tempo.
era hoje, vai ser ontem,
vai ser há vinte anos
atrás.

um ano vivendo com fome,
um ano de números
sem nome.
um ano servindo a sinhá,
new senzala
o preto consome.

ontem mesmo visitei
o hoje. eram mil, eram mil,
eram mil: vai brasil!
povo finge que não viu
e não dá nem um pio.
eram mil. eram mil.

semana passada, que foi
há 40 anos atrás,
tinha resquício de receita
de bolo no jornal.
é ditador calando jornal,
é fascista na porta de hospital.
é o mal é o mal é o mal.

povo de deus marchou
em busca de mais um bacanal:
sai do bacanal e vai pra porta
do hospital chamar criança
de assassina. é o mal.
é o mal é o mal é o mal.

DESPEDIDA

WIGVAN

Eu quero que você volte
Anjo ou fantasma
Por uma noite
Só por uma noite.

Me abrace
um último abraço
apertado de saudade
para eu dizer “me solta”
enquanto estapeio
suas costas.

Me cozinhe
um último
talharim ao sugo
com bastante alho
e duas folhas de hortelã
para alegrar o hálito.

Me enfeite
Uma última palavra
Para dizer o óbvio
Ou uma meia verdade
Que sentiu minha falta
Mas precisou ir embora
Porque sua aula tinha começado
Há quarenta minutos.

Me sorria
Um último sorriso fácil
De quem não tem
Dor nenhuma
A fraturar
as escápulas
Sua melhor arma
Sua última máscara.
Me suspenda
Com as suas pernas fortes
Aquela posição de yoga
Ou kama sutra
Para eu fingir que não sofro
Com seus pés nas minhas costelas
Uma última cócega.

PRAZO DE VALIDADE

ANDREA DOREA

A dor dos 40 não é a mesma para homens e mulheres. Enquanto para os homens essa dor se detém ao sentimento físico, para a mulher vai além. Completar 40 anos não é uma tarefa fácil quando se é mulher. Tudo se torna mais intenso, tudo se torna mais complexo, tudo se torna mais solitário e, principalmente, tudo se torna muito mais difícil. Não que antes fosse fácil. Afinal, simplesmente ser mulher no planeta terra já é uma tarefa árdua, eu diria que quase impossível.

Ao nascermos somos praticamente condenadas socialmente a seguir um padrão de comportamento, beleza, estilo e, em muitos casos, até de profissão e de relações. Como se o nosso destino já tivesse sido definido antes da gente nascer e o livre arbítrio não nos coubesse, assim como muitos outros direitos. São tantos pesos e tantos planos preconcebidos colocados sobre nossos ombros, que muitas vezes não sei como conseguimos simplesmente respirar. A liberdade não nos é oferecida, assim como a posse dos nossos corpos e nossos nomes. Se queremos liberdade, temos que travar tantas batalhas, que tornam a nossa vida uma verdadeira guerra.

Por que somos nós que abdicamos do nome da família dos nossos pais em prol do nome da família do nosso marido? Por que é esperado que casemos, tenhamos filhos, que abduquemos de uma profissão em prol da família? Por que não podemos decidir sobre os nossos corpos, gestações e abortos? São nossos os corpos ou somos propriedade de uma sociedade baseadas nas leis dos homens? Homens esses que extrapolam o seu direito de ser humano em detrimento da humanidade das mulheres. Somos gente ou objeto? Somos livres ou somos posse? Nossa palavra vale menos que a de um homem?

Era para ser um texto sobre idade, mas como falar da idade sem falar de todo o fardo de uma vida sendo mulher. Passamos a vida sem liberdade para ir e vir, sem segurança para ser sozinha, sem o direito de simplesmente existir.



El Sueño (La Cama), detalhe, Frida Kahlo, 1940

Somos doutrinadas a seguir regras arraigadas nas sociedades mundo afora e ai de nós se não as seguirmos, se nos rebelarmos contra essa vida que nos foi destinada. Até quando seremos julgadas, seremos punidas, seremos humilhadas, seremos condenadas? Até quando aguentaremos esse peso monumental?

Se somos jovens, temos que ser contidas. Se envelhecemos, somos descartadas. Essa é a lei do homem. Essa é a lei que querem que a gente acredite, obedeça e siga. Mas não, eu nunca aceitei essa lei e sofri o peso das minhas escolhas. Sofri, mas não desisti e muito menos me arrependo. Contudo, hoje sei que o peso dessas escolhas não era tão aterrorizante enquanto a juventude cintilava em minha pele. Hoje, já não sei se posso dizer o mesmo. Afinal, 40 anos pesam, pesam toneladas quando se é mulher.

Olho para trás e vejo aquela menina sonhadora, que desafiava o mundo e me orgulho. Não me arrependo das escolhas que fiz e do que vivi, mesmo com todo o peso que carrego hoje. Continuo não baixando a cabeça para essa sociedade castradora, contudo não deixo de me decepcionar ao ver outras mulheres tentando cortar as asas das suas iguais. O discurso machista é tão forte, que muitas de nós, por medo ou sei lá o quê, não conseguem quebrar essas correntes. Nesse processo, durante a vida elas julgam, condenam, culpam e excluem suas semelhantes quando o prazo social de validade acaba. Prazo curto esse das mulheres, né? Prazo de 40 anos.

A você que está lendo isso peço que reflita não sobre mim, mas sobre você, sua vida, suas escolhas e como você se relaciona com esses padrões. Não sou melhor ou pior que você. Sou apenas eu. Uma mulher que acredita que o mundo pode ser melhor para todas

as mulheres. Que podemos ser livres. Que podemos escolher. Que podemos mudar o que precisa ser mudado. Cada uma de nós é uma peça essencial nessa roda viva chamada sociedade. A juventude passa, nós envelhecemos, nós morremos, mas aquilo que mudamos em nós e nos nossos não parte conosco. Porque o que conseguimos mudar é só uma semente de algo que um dia poderá ser uma frondosa árvore. Por isso, não vou terminar esse texto bradando verdades, ou acusações. Decidi terminar falando sobre o que vivi e como eu escolhi ver a vida.

E um dia a juventude se foi, dando lugar a maturidade. Não a maturidade imposta por um padrão da sociedade, mas a maturidade de quem viveu intensamente cada segundo de sua vida. A maturidade de quem não adiou seus planos, não perdeu oportunidades e, principalmente, não deixou para amanhã o que poderia viver hoje. A maturidade das experiências que viveu com amigos de longa data e com aqueles que passaram em sua vida como um raio, mas que nem por isso foram menos importantes. Pois a vida é isso, meus amigos.

A vida não é um mar de rosas e nem uma piscina de espinhos. Algumas vezes nos arrependemos e em outras simplesmente deixamos pra lá. Tudo isso porque a vida nada mais é do que a simples chance de dançar até o amanhecer, de dar gargalhadas soltas, de arriscar, de enfrentar seus medos, de olhar olho no olho, de curtir cada segundo na companhia dos seus, de explorar novos lugares, de encontrar novas pessoas, de ser simplesmente você sem temores.

E no meio de tanta inspiração, deixo aqui o melhor das minhas lembranças para aqueles que comigo as viveram. Vocês sabem quem são e, por isso, peço aqui que não as esqueçam, pois elas são parte da nossa construção. Se somos quem somos hoje, é porque vivemos intensamente cada dia de nossas vidas e vamos continuar assim até o último dos nossos dias.

LISTA DE IMAGENS

WIGVAN PEREIRA DOS SANTOS

Tentei seguir alguns critérios na escolha de imagens. Primeiro, queria imagens das décadas 40 de diversos séculos. Como ficou difícil, alarguei esse critério de forma que o ano da imagem não precisaria mais terminar em "40", mas pertencer à década de quarenta. Para ilustrar o texto de Marcela Ortolan sobre "A cor Púrpura", roubei de novo: justifiquei para mim mesmo a escolha da imagem pelo nascimento do pintor, Monet. Outra permissão que me dei foi a de usar obras de 1980, por estarem completando quarenta anos em 2020. Nem com todas essas espertezas consegui me livrar de escolher obras que nada têm a ver com "quarenta", por dialogarem com o texto. Eis a lista, por ordem em que aparecem na edição:

"Autorretrato con un mono" e "Autorretrato con Pelo Corto", Frida Kahlo, 1940.
Nymphéas en fleur, (c. 1914), Claude Monet (1840-1926)
Christ and the Woman Taken in Adultery, Mattia Pretti c. 1640
Dame in hellblauem Kleid, Johann B. Reiter, 1840
Intermission, Edward Hopper, 1963.
Venus und Cupido, Cranach, o Velho, 1540
La Contenance de Scipion, Nicolas Poussin, 1640
Charlotte Moorman com o TV Cello, de Nam June Paik na Bonino Gallery, em Nova Iorque, 1971.
Fotografia de Takahiko Limura.
Radio Man, Nam June Paik, 1987
Radio Skulptur Jean Tinguely, 1962
Blind singer, William H. Johnson, 1940
Werewolf, André Masson, 1944
St Gregory dictating his homilies to a secretary, Carle Van Loo, século XVIII
Office at Night, Edward Hopper, 1940
Sigmund Freud (detalhe), Andy Warhol, 1980
Roses With Red Chair, Horace Pippin, 1940
Garden Flowers, After Chen Chun, 1540
Amish Letter Writer, Horace Pippin, 1940
Two Pieces of Bread Expressing the Sentiment of Love, Salvador Dali, 1940
Breakfast Still Life with Roemer,
Meat Pie, Lemon and Bread, Pieter Claesz Date, 1640
Still Life with Apples and a round bread, Zinaida Serebriakova, 1948
Satan Tempting Christ to Change Stones into Bread, Rembrandt, 1640
The Bread Basket, Salvador Dali, 1945
Girl with a Small Sheep (Girl in Renaissance Costume), Carel Willink, 1946
Rocky Mountain Sheep, John James Audubon, 1845
From James Joyce's 'Ulysses', Allan Kaprow, 1956
El Sueño (La Cama), Frida Kahlo, 1940

*** A falta de artistas brasileiros é motivada por trauma de herdeiros me ameaçando de processo, não por falta de apreço aos nossos artistas.

FRUTA FRUTA



WWW.FRUTABRUTA.COM

TWITTER E INSTAGRAM: @FRUTABRUTA